

**Paulo Tácio Aires Ferreira**

**Meio ambiente no Ensino Superior de  
Turismo: concepções, abordagens e práticas  
pedagógicas de professores**

**São Paulo**

**2012**

**Paulo Tácio Aires Ferreira**

**Meio ambiente no Ensino Superior de  
Turismo: concepções, abordagens e práticas  
pedagógicas de professores**

**Monografia apresentada à coordenação do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Formação de Professores (Ênfase no Ensino Superior) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo como requisito para obtenção do título de Especialista.**

**Orientador Prof. Ms. Glauber Santos.**

**São Paulo**

**2012**

F435m

FERREIRA, Paulo Tácio Aires.

Meio ambiente no ensino superior de turismo: concepções, abordagens e práticas pedagógicas de professores. / Paulo Tácio Aires Ferreira – São Paulo, 2012.

99f., 30cm

Orientador: Prof. Ms.Glauber Santos

Monografia (Pós-graduação) – apresentada ao curso de Formação de Professores (Ênfase no Ensino Superior) do Instituto Federal de São Paulo, 2012.

1. Turismo. 2. Meio Ambiente. 3. Ensino superior.

I. FERREIRA, Paulo Tácio Aires. II.Título.

CDU 371

# **Paulo Tácio Aires Ferreira**

**Título: Meio ambiente no Ensino Superior de Turismo: concepções, abordagens e práticas pedagógicas de professores**

Monografia apresentada à coordenação do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Formação de Professores (Ênfase no Ensino Superior) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo como requisito para obtenção do título de Especialista.

## **Banca Examinadora**

Prof. Ms. Glauber Eduardo de Oliveira Santos (Orientador)

-----  
Prof. Dr. José Guilherme de Almeida (IFSP)

-----  
Prof. Dr. Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim (IFSP)

-----  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

São Paulo, 28 de Junho de 2012

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos Professores e também aos alunos do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Formação de Professores do IFSP, em especial, os que estudaram no período de 2010 até 2012.

## **Agradecimentos**

Gostaria de manifestar aqui toda minha satisfação e felicidade para com os professores que fizeram parte desta pesquisa, pela compreensão em me atender, diga-se de passagem, com muita solicitude. Este trabalho jamais poderia ter sido realizado sem o apoio e participação destas pessoas: Professor Raphael de Carvalho Aranha, Professor Ms. Daniel Nery, Professor Ms. Luiz Alves Brigido Maia, Professora Dr. Maria Ângela de Abreu Cabianca Marques, Professora Ms. Letícia Carolina Teixeira Pádua, Professor Dr. Sidnei Raimundo, Professora Ep. Jaqueline Silva dos Santos, Professor Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles.

Importante, por fim, referir-me à participação e agradecer também ao meu orientador Professor Ms. Glauber Santos, pelo seu profissionalismo, e que tem sido muito atencioso, não apenas na construção deste trabalho, além disso, trocando muitas ideias e conhecimentos comigo desde meu período de graduação no IFSP.

A natureza inteira é a vossa congratulação e tendes motivos terrenos para bendizer-vos. Os maiores lucros e valores estão ainda mais longe de serem apreciados. Chegamos facilmente a duvidar de que existam. Logo os esquecemos. Constituem, entretanto, a realidade mais elevada. Talvez os fatos mais estarrecedores e verdadeiros nunca sejam comunicados de homem a homem. A verdadeira colheita do meu dia a dia é algo de tão intangível e indescritível como os matizes da aurora e do crepúsculo. O que tenho nas mãos é um pouco de poeira das estrelas e um fragmento do arco-íris.

Henry David Thoreau – Walden, Ou a vida nos bosques

## **Resumo**

São muitas as questões ambientais que circulam por diversos mecanismos midiáticos tratando de assuntos como biodiversidade, transgênicos, código florestal, impactos ambientais, entre tantos outros, os quais, além disso, são temas de profundo interesse acadêmico transcorrendo dentro dos mais variados campos do saber. Questões de muita relevância e que têm sido alvo de inúmeras discussões são as inter-relações entre meio ambiente e turismo, consistindo, este último, em uma atividade global, que movimenta pessoas e que causa impactos de diversas ordens. Nesse sentido, este estudo pretende analisar e trazer reflexões sobre o ensino superior de Turismo focalizando questões de meio ambiente que são abordadas por professores em determinados cursos desta área na região metropolitana de São Paulo, assim como, quais concepções e práticas pedagógicas são predominantes.

Palavras-chave: Turismo; Meio Ambiente; Ensino Superior.

## **Abstract**

There are many environmental questions that circulate in several types of media treating subjects as biodiversity, genetically modified organisms, Forest Code, environmental impacts, among others, which they are also deep academic interest traversing in several fields of knowledge. Issues of great relevance has been discussed such as: the interrelationships between environment and tourism. Tourism is a global activity which moves people and cause impacts of many manners. Thus, this study intends to analyze and bring reflections on higher education of Tourism focusing on environmental issues that are used by teachers in certain courses in this area in the metropolitan region of Sao Paulo, as well as pedagogical conceptions and practices which are prevalent.

Keywords: Tourism, Environment, Higher Education.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>10</b>
<b>1 Ambientalismo – História, conceitos e abordagens</b> .....	<b>12</b>
1.1 História do movimento ambientalista.....	12
1.2 Conceitos e abordagens de Meio Ambiente.....	16
<b>2 Ensino Superior de Turismo e Meio Ambiente</b> .....	<b>18</b>
2.1 O curso superior de Turismo.....	18
2.2 Meio ambiente no Ensino Superior de Turismo.....	20
<b>3 Problemática e percursos metodológicos</b> .....	<b>23</b>
3.1 Objetivos.....	23
3.2 Metodologia.....	23
3.3 Roteiro de entrevista.....	24
3.4 Seleção de informantes.....	26
<b>4 Coleta e análise das entrevistas</b> .....	<b>30</b>
4.1 Perfil dos professores.....	30
4.2 Concepções dos professores sobre meio ambiente.....	31
4.3 Temas e abordagens de meio ambiente discutidos nas aulas de Turismo.....	32
4.4 Recursos metodológicos e aulas práticas.....	35
4.5 Importância do meio ambiente para o curso superior de turismo e para a formação dos alunos.....	36
4.6 Sobre mudanças e concepções dos professores.....	37
4.7 Discussão.....	39
<b>5 Considerações finais</b> .....	<b>42</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>44</b>

<b>ANEXO – Transcrição das entrevistas.....</b>	<b>47</b>
---	-----------

## **Introdução**

Assunto da ordem do dia, visto como questão emergente na formação do bacharel ou tecnólogo de Turismo, o tema “meio ambiente” tornou-se uma de suas importantes disciplinas.

Para os cursos de turismo, a presença de tal tema justifica-se pela busca de formação de profissionais que atuem em âmbito público ou privado visando à promoção de um turismo responsável, uma vez que a própria atividade turística se beneficia e se desenvolve com esse recurso.

O presente trabalho pretende, principalmente, analisar os conceitos e abordagens utilizados por professores no ensino superior de Turismo, envolvendo, principalmente a disciplina Meio Ambiente que, sobretudo, tem sido abordada em muitas pesquisas no Ensino Superior (REIGOTA, 2007). Todavia, no cenário educacional, há poucas pesquisas que discorrem sobre a inter-relação de meio ambiente e ensino superior de Turismo, havendo a necessidade de esmiuçar projetos políticos-pedagógicos, ementas de cursos e mesmo as atividades docentes desse curso.

Esta pesquisa possui, além disso, o intuito de trazer benefícios para a comunidade universitária, pois seu tema é amplamente discutido em vários canais acadêmicos.

O estudo oferece uma análise sobre as distintas percepções de professores de algumas das principais universidades da região metropolitana de São Paulo, trazendo reflexões sobre a atuação destes mesmos docentes que estão à frente das disciplinas que abordam o meio ambiente.

Igualmente, tem-se a importância para a sociedade que, em geral, também será beneficiada, pois, tal tema será discutido para melhorias no trato com o turismo e meio ambiente face às relações sociais.

Para melhor compreensão e desenvolvimento, este trabalho divide-se em cinco partes, sendo quatro capítulos e uma última parte que destaca as considerações sobre a pesquisa. No primeiro capítulo, tem-se a construção de elementos que constituem teoria dos principais assuntos da pesquisa: história do ambientalismo e concepções de meio ambiente por parte de especialistas da área. No segundo capítulo será disposto um esboço sobre a história do ensino superior de turismo no Brasil e sua construção de interface com o meio

ambiente. Na terceira parte, aborda-se os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a composição deste trabalho. Após a delimitação da metodologia utilizada, será tratado no quarto capítulo a coleta, análise e discussão do material obtido.

Ao fim do trabalho apresenta-se uma conclusão que visa contribuir para a construção de conhecimento científico da discussão proposta, além de ressaltar a interligação de turismo e meio ambiente, observada, essencialmente, à luz das experiências dos docentes entrevistados.

# **1 Ambientalismo – História, conceitos e abordagens**

Neste capítulo será abordado em primeiro lugar um referencial histórico das relações sociais com o meio ambiente, desde períodos longínquos aos mais contemporâneos, e suas nuances ao longo do tempo. Após isso, discutiremos alguns conceitos definidos por especialistas da área, a fim de expandir as concepções do tema.

## **1.1 História do movimento ambientalista**

A preocupação do homem no que diz respeito ao esgotamento dos recursos naturais não surge somente no final do século XX. Em uma perspectiva histórica ocidental podemos nos remeter às citações de filósofos gregos, como Aristóteles, passando pelas alusões às belezas paisagísticas nas pinturas renascentistas, chegando até mesmo aos iluministas, como exemplo Jean-Jacques Rousseau, o meio ambiente foi e é objeto de apreço e preocupação por parte do homem.

Observando, por exemplo, no campo literário e seus vastos números de autores em diversos períodos históricos, notamos que há uma forte constatação de proximidade de escritores pela natureza. Não faltam exemplos como o do jovem Goethe que realizou diversas viagens mencionando a beleza campestre das paisagens europeias. Também no Brasil, Gonçalves Dias, representante de nossa poesia no século XIX que, quando esteve no exílio, expôs minuciosamente com estilo saudoso em seus poemas, o valor da natureza de nosso país.

Há muitas especulações de estudiosos do tema quanto ao surgimento ou mesmo uma clivagem do sentimento de preocupação com a natureza. Para alguns autores como Dalton (apud Tavolaro (2001) é defendido que a origem do movimento se dá em fins do século XIX, podendo ser observado como uma primeira etapa que originaria um pensamento ambientalista, pois, naquele momento, cidadãos começam a se mobilizar em defesa de áreas naturais. Após esse período, continuando nas arguições do mesmo autor, haveria um tempo de dormência nas agitações em defesa da natureza, que só seria novamente interrompido por um vasto movimento iniciado na década de 70, agora já no século XX, onde o questionamento das relações sociais frente ao meio ambiente seria discutido com mais afinco (TAVOLARO, 2001, p. 18,19).

Em outro ponto de vista, Raimundo (2007) sugere que podemos perceber, ao longo da história ocidental, três grandes períodos de mudanças no que diz respeito à relação entre a sociedade e natureza. Numa observação simplista o primeiro seria a passagem do feudalismo para a Idade Moderna, onde a cidade era vista como o lugar sagrado, habitado pelas pessoas, com as muitas intervenções feitas pelos homens; contudo, esta teria como oposição, os locais mais longínquos como as montanhas, florestas, mares, entre outros, designados, assim, como sítios profanos. Paradoxalmente, surge uma prática de contemplação da natureza e o homem se volta aos campos, aos vales, enfim, ambientes que pouco havia sofrido a influência humana até aquele momento, isto ocorrendo devido a muitos fatores, entre eles: melhoramentos de transportes, progresso da ciência, um apreço pela jardinagem e muitas formas de representar a natureza somando-se ao gosto pelas artes e literatura (RAIMUNDO, 2007, p.137,138). No que se refere ao segundo período, temos a revolução industrial como protagonista de muitos acontecimentos, entre eles o surgimento do modo de produção capitalista, onde a natureza é observada como provedora inesgotável de suprimentos para o homem (RAIMUNDO, 2007). A Revolução Industrial deu propulsão a uma veloz expansão das cidades que, conseqüentemente, aumentaria de certo modo a insalubridade, ocasionando uma maior poluição; todavia, trouxera, além disso, um número de inexoráveis mudanças sociais que refletiriam, conseqüentemente, nos processos de desenvolvimento global.

Ainda nesse período é importante destacar outros pontos interessantes: muitos escritores e cientistas fizeram viagens para as Américas, ou terras ainda pouco exploradas com os mais variados propósitos, como estudos científicos, mencionando sempre suas riquezas, observando-as como um paraíso ainda intocado e potencialmente passível de ser dominado. Também, em fins do século XIX, precisamente em 1872, ocorreu a criação de um dos primeiro Parques Nacionais do mundo, o Parque Nacional de Yellowstone, com o propósito de proteger uma vasta área natural (DIEGUES apud SANTOS LOBO, 2008, p. 289).

E por último, no terceiro momento, Sidnei Raimundo nos alerta a observar, em nossa sociedade contemporânea, o surgimento dos primeiros movimentos ambientalistas que culminariam nos encontros de especialistas e reuniões realizadas em Estocolmo (1972) e Rio (1992), passando a partir daí a ganhar notoriedade, sendo condicionado pelos ideais de sustentabilidade (RAIMUNDO, 2007, p.140).

Porém, ainda antes desses eventos, com a publicação em 1962 de um importante livro com o título de *Primaveras Silenciosas*, escrito por Rachel Carson, pairaram-se muitas dúvidas em relação às atividades humanas na agricultura, como o uso dos pesticidas que, por conseguinte, causaria o desaparecimento de espécimes de animais, sendo esta publicação uma das que popularizaram as preocupações ambientais (TAVOLLARO, 2001, p.165).

Nestas décadas de 1960/70, observa-se que muitos autores apontam este período como um tempo difusor de discussões em que se tinha como foco criticar aspectos determinantes para o desgaste do planeta (TAVOLLARO, 2001; CASCINO, 2000). Do mesmo modo, não apenas as indústrias eram culpadas como poluidoras, sendo questionadas pelas suas atuações, mas, além dessas, o comportamento consumista da sociedade em geral, que havia ganhado dimensões e mercados globais ao longo do século XX, também seria colocado na mesma mesa de discussão.

O ano de 1968 foi marcado por agitações em Paris, Praga, Amsterdã, entre outras cidades europeias, sendo que estes eventos foram sucedidos por inúmeros atos, ações e manifestações envolvendo jovens de diversas partes do mundo. Aliados, os mais diferentes grupos, como feministas, ecologistas, antifascistas, antirascistas, pacifistas uniram-se com propósito de conquistar plenamente seus direitos civis. O movimento Híppie, na época, também trazia sua representatividade disparando frases emblemáticas contrárias à cultura de guerra existente.

De tal modo, prosseguindo no ambientalismo na contemporaneidade, CASCINO (2000, p. 189-190) nos traz uma excelente explicação pontuando que:

As mais importantes manifestações relativas ao surgimento do moderno ambientalismo ocorrem a partir da década de 1970, resultado direto das manifestações sociais, culturais e políticas vividas durante os últimos anos das décadas de 1960, os anos rebeldes.

Pode-se dizer que um dos pontos referenciais aos questionamentos ambientais, no que diz respeito à contemporaneidade, foi a reunião realizada em 1968 por um grupo de cientistas, o “Clube de Roma”. Desse encontro, que alargou planetariamente as discussões ambientais, surgiu a organização da conhecida conferência de Estocolmo (CASCINO, 2000; REIGOTA, 2004), conforme já citada neste trabalho.

Os novos movimentos sociais que pulsaram a época surgiriam de acordo com a dinâmica que a sociedade iria estabelecendo. Tavolaro (2001) apresenta o risco e a escassez

como o novo enfoque dados às questões ambientais, assim, busca-se novas direções daquelas apresentadas pelos movimentos de emancipação dos séculos XVIII, XIX e XX, devido às profundas mudanças culturais.

Importante ressaltar que em tal época a propagação dos meios de comunicação e o avanço tecnológico de transportes aceleraram o processo de intercâmbio de informações. Os questionamentos sobre a vida cotidiana eram espalhados com maior velocidade pelo globo: violação de direitos civis, as malfadadas posturas bélicas tomadas pelas grandes potências e a Guerra Fria trouxeram momentos de tensões apocalípticas ocasionando uma maior observação frente às atitudes dos governantes de Estados Unidos e antiga União Soviética. Não obstante, também a crescente degradação ambiental circundava debates nas universidades de muitos países. O mundo já não era mais tão gigantesco, e assim ficariam conhecidas suas fragilidades devido à amplitude dos meios de comunicação.

Utilizando-se do pensamento de Marshal MacLuhan, Cascino (1999, p. 29) expressou sobre a aldeia global em que vivemos:

A conquista tecnológica nos fez ver nossa grandeza e nossa pequenez, o azul que colore a terra, a nave pendurada no espaço, frágil em um universo infinito. Enfim, nos fez entender o que é a aldeia global (MacLuhan), como somos todos passageiros e condutores de uma mesma e única embarcação.

Ainda nos anos setenta, em Belgrado, na antiga Iugoslávia, foi publicado a Carta de Belgrado, objetivando os caminhos e conceitos da educação ambiental (REIGOTA, 2004).

Posteriormente, a década de 1980 ressoou muitos ecos e avanços ambientalistas divulgados nos anos 60/70. Por exemplo, a publicação do documento Nosso Futuro Comum, ou relatório de Burdttland, culminou no surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável, que seria mais comentado e propagado após a ECO-92, conferência que fora realizada no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro (REIGOTA, 2004). Nota-se ao longo dos anos que esse preceito de sustentabilidade iria penetrar paulatinamente em discursos de muitas áreas sociais como na política, economia, ciência, entre outras.

Percebe-se com essas afirmações que a ascensão do capitalismo moderno proporcionou um maior dinamismo na vida cotidiana, avanço industrial e enriquecimento econômico em alguns países, principalmente os de primeiro mundo; contudo, este mesmo sistema contribuiu para aprofundar as desigualdades sociais históricas, bem como causou um comportamento que praticamente iria exaurir o planeta de suas abundantes riquezas naturais.

Com isso seria necessário avançar em ideias de conservação ambiental, que despontaram com propostas de caminhos alternativos para o modelo vigente.

Outro ponto importante a ser salientado é o de construção histórico-cultural no que concerne ao relacionamento do homem/sociedade para com a natureza, ou meio ambiente, este se adaptando conforme tempo e espaço, de acordo com as próprias dinâmicas sociais se desenvolviam.

## **1.2 Conceitos e abordagens de Meio Ambiente**

Muitas definições sobre meio ambiente apontam para um dilatado entendimento, mas, essencialmente, são construções de significados de integração entre homem/sociedade e natureza com vistas à sua conscientização e conservação. Abaixo trazemos reflexões e conceituações sobre o tema.

Inicialmente, podemos nos assentar pela definição de meio ambiente estabelecida pela Política Nacional de Meio Ambiente brasileira, extraída do site do Planalto, lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981, ainda que seja uma acepção jurídica, é bem interessante: “...conjunto de soluções, leis, influências e infra-estruturas de ordem física, química, biológica e psíquica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.”

Observamos em muitas explanações sobre meio ambiente, que há uma relação intrínseca, quase que simbiótica, entre o homem, sociedade e cultura, assim, nos diz Tamaio (2002), que: “[...] o conceito de meio ambiente deve contemplar o meio social, cultural político e não só o meio físico.” (TAMAIO, 2002, p.22). Interessante observar que este autor ao propor uma definição de meio ambiente, ressalta essa relação mediadora de natureza para com o homem:

O homem, desde seu surgimento histórico, é um ser capaz de transformar a natureza para produzir bens que satisfaçam suas necessidades. Nesse processo, o homem atua de forma cada vez mais organizada. Por isso, surge a necessidade de analisar simultaneamente as complexas relações entre a sociedade e a natureza e as formas de relação dos homens entre si. Os homens, ao se organizarem socialmente, transformam a natureza; e, ao mesmo tempo, a natureza se apresenta como mediadora das relações sociais entre os homens.

Contribuindo também para o entendimento destas concepções e para além dos limites das ciências biológicas, químicas e físicas, no que concerne ao trato de questões políticas, cabe inferir que, sobre a abrangência dos assuntos relacionados às demarcações dos

conceitos de meio ambiente e suas atinentes questões, deve-se pensar, além disso, na formação de uma consciência ambiental (Penteado, 2004, p.52).

Uma das abordagens que compreendemos ser das mais convenientes para demarcar nosso trabalho é a proposta por Marcos Reigota (1999), assim sendo, optou-se por utilizar os conceitos de representação social do meio ambiente utilizados por este autor, que as dividiu em naturalista, antropocêntrica e globalizante:

Os professores cuja representação de meio ambiente é antropocêntrica desenvolvem uma prática pedagógica centrada na transmissão de conteúdos científicos; os de representação globalizante alternam a transmissão de conteúdos com atividades inovadoras, enfatizando aspectos não-imediatos do meio ambiente; os de representação naturalista identificam o meio ambiente com a natureza e assim sua prática pedagógica está voltada para o conhecimento da mesma, preservada ou deteriorada (REIGOTA, 1999, p. 74).

Devido à amplitude desta definição, já que sugere uma relação entre representações sociais de meio ambiente, aliando-se ao intuito principal deste trabalho, nota-se que este autor traz importante subsídio para instrumento de análise visando à observação conceitual, no que se referem a uma concepção mais generalizada de meio ambiente, trabalhada pelos professores que foram sujeitos desta pesquisa.

## **2 Ensino Superior de Turismo e Meio Ambiente**

O curso de Turismo no ensino superior é ainda relativamente novo, datando da década de 1970. Nesta parte do trabalho, expõe-se um pouco de sua trajetória, dando ênfase a inserção das questões ambientais em seu currículo.

### **2.1 O curso superior de Turismo**

O turismo e as viagens são fenômenos sociais expressivos, compondo-se de pessoas que se deslocam pelos mais remotos rincões do planeta e com distintos propósitos. Assim, esse setor se tornou objeto de estudos acadêmicos em diversas áreas. O turismo é seguramente ligado ao setor econômico, porém, como é explanado por muitos autores, é antes de tudo um movimento de pessoas.

O século XX é marcante para o crescimento do turismo, pelo avanço sem precedentes dos meios transportes e também por uma profunda dinamização dos meios de comunicação. Nesse contexto centros universitários passam, assim, a se preocupar com o crescimento deste fenômeno, contudo, em seu início dentro de uma lógica pragmática de atender ao potencial mercado vigente que, sobretudo, cresceria posteriormente ao período de pós-guerra.

Deste modo, nos Estados Unidos e Europa os cursos superiores de Turismo surgiram nesse período possuindo uma forte interface com as disciplinas dos cursos de Administração, Economia (MATIAS, 2002).

O Ensino Superior de Turismo no Brasil inicia suas atividades na década de 1970, no auge da Ditadura Militar, em pleno período em que este país atravessava diversas turbulências históricas, havendo crescimento econômico, mas a desigualdade social histórica continuava espalhada pelo país. Ao mesmo tempo, os protestos contra disparidades sociais ocorriam, no entanto, de maneira refreada por uma censura violenta (SANTOS FILHO, 2003).

Pegando a esteira da década desenvolvimentista, conhecida historicamente pelo período de “milagre econômico” diversos setores da economia brasileira, da indústria aos serviços tiveram consideráveis incrementos. Assim, o exato marco inicial do curso de Turismo se deu com a universidade Anhembi-Morumbi, em 1971 (MATIAS, 2002; SANTOS

FILHO, 2003). Percebe como motivos precursores predominantes o também crescimento da atividade turística em nosso país que é precedido pela fundação da EMBRATUR, Empresa Brasileira de Turismo que, atualmente, é denominada como Instituto Brasileiro de Turismo.

Sendo uma atividade complexa, que abrange ampla formação, era necessário estipular um currículo mínimo que atendesse às demandas do momento. E como concepção de currículo pode-se entender, segundo Masetto (2003, p. 65), por várias compreensões, sendo que a primeira é:

[...] é mais ligada ao conceito etimológico e significa tudo aquilo que precisa ser ensinado ou aprendido segundo uma ordem de progressão determinada num ciclo de estudos. A ideia de currículo ligada a curso, percursos, a uma organização de assuntos, ou de conhecimentos, ou de tudo aquilo que se deve aprender. Na prática a preocupação é: como ordenar o que precisa ser aprendido numa ordem determinada.

Um segundo conceito o autor chama de “currículo oculto”, nem sempre ligado às formalidades educacionais, e sim mais à prática do docente, dentro de seu cotidiano. E num terceiro entendimento, a ideia de currículo liga-se ao “conjunto de conhecimentos, de saberes, competências, habilidades, experiências, vivências e valores que os alunos precisam adquirir e saber” (Masetto, 2003, p.66,67).

Destarte, do ponto de vista institucional, foi aprovado em 28 de janeiro de 1971, o primeiro currículo do curso superior de Turismo no Brasil, contemplando as disciplinas Sociologia, História do Brasil, Geografia do Brasil, História da Cultura, Estudos Brasileiros, Introdução à Administração, Noções de Direito, Técnica Publicitária e Planejamento e Organização do Turismo (MATIAS, 2002, p. 12,13).

BARRETO (2004, pg 35) expõe sobre a flexibilidade de atuação do profissional do turismo composta pelo tripé “transportes-agenciamento-alojamento”, e, além disso, havendo uma necessidade de incremento de outras áreas.

Nos anos de 1990 os cursos de Turismo atingem um alto grau de representatividade (SANTOS LOBO 2008). Ademais, ocorreu uma adaptação aos novos contextos e dinâmicas socioeconômicas e, ver-se-ia, com efeito, um envolvimento do turismo com as questões ambientais, estas últimas projetando-se em diversos campos científicos, ganhando dimensões não apenas filosóficas, mas, também pragmáticas, e até mesmo inserindo-se em discursos de políticas econômicas, ao passo que o desenvolvimento sustentável seria visto por muitos cientistas e especialistas como um modelo, ainda que

reformista, porém com intuito de se alcançar um progresso com mínimos danos ao meio ambiente.

## **2.2 Meio ambiente no Ensino Superior de Turismo**

Como já abordado no capítulo sobre a história do ambientalismo e o alargamento de sua ideologia, percebeu-se que à medida que surgiu o conceito de desenvolvimento sustentável, outras áreas da ciência e sociedade recrutariam para si também tal conceito, como economia sustentável, políticas sustentáveis, turismo sustentável, entre outros.

Observando que o viajar em busca de áreas naturais é uma prática já de longa data realizada pelo homem.

Nos dias de hoje, essa “busca” ao encontro do mito da “natureza intocada” é tão comum, que propriamente falando, do ponto de vista do turismo, muitos especialistas da área a observam até mesmo as dividindo em vários segmentos (TELES 2011 apud DIEGUES (2001)).

Na década de 1970 ocorreu um considerável crescimento em empresas turísticas, em vários segmentos, como ecoturismo, no entanto, esse desenvolvimento foi pautado por algumas confusões, como nota Teles (2011, p. 6):

Na década de 1970, o avanço dos empreendimentos e a criação de novos produtos turísticos revelava uma prática do turismo e meio ambiente preocupada em atender a demanda que crescia para os segmentos que, em via de regra, eram denominados ecoturismo. A falta de suporte teórico dava espaço a um conflito que era reflexo do próprio modo de produção em que estamos inseridos, fato que gerou uma discussão sobre a necessidade de debates referentes à organização dos diferentes segmentos que foram surgindo e que o próprio mercado carecia de clareza conceitual e nomenclatura própria.

O mesmo autor ressalta uma antiga confusão entre o segmento ecoturismo e o conceito de turismo sustentável, este último muito amplo e que abrange todos os tipos de turismo (TELES, 2011).

Justapondo essas inúmeras discussões conflituosas com o crescimento do curso superior de Turismo no Brasil, tem-se a necessidade de reestruturação deste último que deveria almejar por uma inserção da componente ambiental em sua grade.

Nos últimos anos há uma crescente abertura de cursos de Turismo em nosso país, mas, também o aumento de pós-graduações e especializações em diversas áreas como forma de complementar o currículo do graduado. De acordo com as exigências de cada momento

histórico, há ainda a necessidade de se avaliar o currículo do curso. No que diz respeito às discussões sobre meio ambiente é notado que no primeiro currículo do curso superior de Turismo não havia uma disciplina completamente dedicada ao assunto, como vimos acima.

Retornando aos fatos históricos, nota-se que as primeiras discussões influenciadas pelas diversas conferências surgidas nas décadas de 1970, entusiasmaram mais questionamentos conservacionistas, principalmente, nos tempos atuais, onde vemos grande repercussão na atividade turística. Assim, nessa década, no Brasil, foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), que na ocasião era subordinada ao Ministério dos Transportes.

De grande importância, além dos fatos já citados para o desenvolvimento da educação ambiental no Brasil, foi um encontro realizado em Sorocaba, São Paulo, em 1984, onde pesquisadores apresentaram suas pesquisas, até então realizadas, e também, posteriormente, a ECO-92, conferência moderada pelo desenvolvimento econômico; pauta que se difere do encontro que ocorrera em Estocolmo que buscou discutir, principalmente, a relação entre homem e natureza (REIGOTA, 2004).

Por consequência, a educação ambiental ascendeu gradualmente nos discursos de ambientalistas evoluindo para uma fase de institucionalização, possuindo defensores também no âmbito governamental. No Brasil, de acordo com a Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, Política Nacional de Educação Ambiental, determina que: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.”

Com isso, finalmente o curso de turismo no Brasil também adota essa ideia envolvendo-se profundamente, devido a seu caráter espontaneamente interdisciplinar, tendo em vista que esta atividade é grande propulsora de impactos ambientais tanto positivos, ou mesmo negativos, gerando uma profunda necessidade de pesquisas com aporte das áreas que essa própria atividade se assegura, em seus devidos contextos.

As discussões sobre meio ambiente e turismo podem ser um forte catalisador no desenvolvimento dos cidadãos ressaltando suas responsabilidades diante da sociedade, assim, ressalva especialistas da área (REGULES et al, 2007). Com efeito, é importante notar, por exemplo, a respeito do Código de Ética da Organização Mundial do Turismo, que adverte

acerca da importância em ampliar discussões visando à promoção do turismo sustentável, tendo em vista as questões que concernem às atividades turísticas e suas relações de interdependência com assuntos ambientais, cabendo esta atitude ser de responsabilidade, obviamente, de toda a sociedade.

### **3 Problemática e percursos metodológicos**

Exposto as definições a respeito dos assuntos norteadores desta pesquisa, será proposto, portanto, uma questão geradora e que, assim, será possível discuti-la com base em um percurso metodológico que irá orientar este trabalho: quais concepções, abordagens e práticas sobre o assunto meio ambiente predominam na prática pedagógica dos professores do Ensino Superior de Turismo?

#### **3.1 Objetivos**

##### **Objetivo Geral**

Analisar abordagens, concepções e práticas pedagógicas dos professores responsáveis pelas disciplinas que discutem o meio ambiente no Ensino Superior de Turismo.

##### **Objetivos Específicos**

Levantar as diferentes concepções e abordagens sobre o meio ambiente utilizadas pelos professores;

Analisar e observar como ocorre a aplicabilidade das diferenciadas técnicas, recursos metodológicos e práticas utilizados pelos docentes;

Observar como as concepções sobre o meio ambiente dos professores do Ensino Superior de Turismo influenciam em suas práticas pedagógicas.

#### **3.2 Metodologia**

Esta pesquisa se constitui de acordo com os seguintes percursos metodológicos:

1. Levantamento da bibliografia abrangente acerca do turismo e meio ambiente, tendo como intento observar as abordagens da literatura e estado da arte do assunto.
2. Realização de entrevistas com docentes que ministram algumas das disciplinas envolvidas com a temática da pesquisa proposta, em que foram selecionados 8 (oito) professores responsáveis por disciplinas que adotam o meio ambiente como uma de suas disciplinas.

3. E, por fim, a realização das transcrições e análises das entrevistas tendo como propósito aferições com a bibliografia utilizada.

Partindo dos passos acima organizados, esta pesquisa, de abordagem qualitativa, observa-se em primeiro lugar o estudo de bibliografia que compreende Meio Ambiente e Turismo, e posteriormente, realiza-se a pesquisa de campo com entrevistas a professores do curso de Turismo, especificamente da região metropolitana de São Paulo. Assim sendo, será feita uma exploração, categorização e análise deste material para seu melhor entendimento, havendo a necessidade de fazer um cruzamento das informações obtidas junto ao material estudado com propósito de trazer discussões sobre o mote basilar desta pesquisa.

Seguindo o percurso metodológico, optou-se por realizar uma pesquisa com recorte de entrevista em profundidade que de acordo com Duarte (2005, p. 62) é uma:

[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística.

Esse mesmo autor também estabelece tipologias de entrevista em profundidade, e entre estas tipologias, nosso trabalho segue por uma entrevista “semiaberta” partindo de um “roteiro base”, para guiar nossas perguntas direcionadas aos entrevistados (DUARTE, 2005).

Abaixo, segue o roteiro que se utilizou para auxílio nas entrevistas, que tem como objetivo extrair seu histórico profissional e suas narrativas como docente no ensino superior de turismo.

### **3.3 Roteiro de entrevista**

1- Qual a sua formação?

Objetivo: identificar a formação do entrevistado.

2 – Gostaria de saber os motivos que levaram a escolha de sua profissão.

Objetivo: observar os principais ensejos de escolha profissional do entrevistado

3- Sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos lecionou.

Objetivo: conhecer a experiência profissional do entrevistado.

4 – Em sua opinião o que é meio ambiente?

Objetivo: conhecer a concepção e conceito de meio ambiente do entrevistado.

5 – Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?

Objetivo: observar os temas de meio ambiente relacionados ao turismo que o professor trabalha em sala de aula.

6 – Com qual abordagem esses temas são trabalhados?

Objetivo: verificar com quais abordagens o professor trabalha os temas ambientais.

7 – Você utiliza algum(ns) autor(es) específico em suas aulas como base teórica?

Objetivo: observar o arcabouço teórico utilizado pelo professor.

8 – Quais recursos metodológicos você utiliza em suas aulas?

Objetivo: analisar os tipos de materiais pedagógicos utilizados pelo professor.

9 – Como você trabalha o ensino de meio ambiente do ponto de vista prático?

Objetivo: observar as atividades práticas do docente, por exemplo, se costumeiramente realiza visitas técnicas.

10 – Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo?

Objetivo: observar a opinião do docente sobre o meio ambiente para a formação do aluno do ensino superior de Turismo.

11 – Tendo em vista a importância da discussão sobre meio ambiente no campo acadêmico nos últimos anos, qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo?

Objetivo: observar a opinião do docente em relação ao meio ambiente no ensino de Turismo.

12 - Você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?

Objetivo: analisar possíveis mudanças de concepção ou didática do professor em relação ao meio ambiente, ou também sua didática na aula.

### 3.4 Seleção de informantes

Depois de realizado o roteiro de entrevista, estabeleceram-se os sujeitos que serão entrevistados para a composição de nossa pesquisa. A respeito da escolha dos informantes, também, seguimos a classificação “especialista” de Duarte (2005, p.67), que os define como: “geralmente pesquisador, acadêmico ou pessoa de grande experiência/conhecimento no assunto, mas não diretamente envolvida com o problema de pesquisa”.

Esta seleção e oportunidades dos entrevistados também se deu pela experiência do pesquisador, tendo em vista sua formação acadêmica em Turismo e Hospitalidade, bem como, posteriormente, a supracitada pesquisa bibliográfica dos temas que abrangem este trabalho.

Para uma melhor visualização da seleção de informantes (ordenados sequencialmente por datas de entrevistas), seus principais dados estão descritos abaixo em um perfil profissiográfico, assim como suas formações, instituições, disciplinas e seus respectivos conteúdos programáticos. Esta última nomenclatura tendo diversas terminologias de acordo com as instituições, pois também são chamadas de ementas, unidades curriculares de acordo, objetivos, entre outros.

1. Professor Raphael de Carvalho Aranha. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestrando pela PUC de São Paulo; pós-graduando em gestão ambiental a distância na Faculdade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro. Atualmente é professor da Faculdade de Tecnologia em Hotelaria, Gastronomia e Turismo de São Paulo (HOTEC). Data da entrevista: 13/02/2012. Nome da disciplina que leciona: Gestão Social e Ambiental. Conteúdo programático: Meio Ambiente e Gestão Ambiental; A Competitividade na perspectiva de estratégias de gestão e postura socialmente correta, ambientalmente sustentável e economicamente viável; Os modelos de responsabilidade social propostos por Drucker, Porter e Kramer, Zadek e Carrol; Gestão Ambiental global e regional; As principais questões de responsabilidade social presentes na gestão de diferentes áreas organizacionais; Gestão Ambiental Empresarial; Sistemas de Gestão Ambiental; Práticas Responsáveis na Gestão de Pessoas; Interação entre gestão de recursos humanos e gestão ambiental; Contribuições da gestão de recursos humanos para a gestão ambiental empresarial; Correlação entre gestão ambiental e as dimensões funcionais da gestão de pessoas; Riscos Ambientais no Trabalho.

2. Professor Ms. Daniel Nery. Possui graduação em Geografia pela UNESP; Especialização em Meio Ambiente pela Faculdade Padre João Bagozzi; mestrado em Meio Ambiente pela Universidade Guarulhos; Doutorando em Geociências pela UNESP. Atualmente é professor das Faculdades de Tecnologia de São Paulo (FATEC). Data da entrevista: 07/03/2012. Nome da disciplina que leciona Geografia. Conteúdo programático: Aspectos teórico-metodológicos na abordagem do fenômeno turístico; O turismo na sociedade contemporânea e seu papel na organização do espaço; A importância da percepção na valorização do espaço turístico. A paisagem e o espaço geográfico como recurso turístico; Elementos da cartografia como princípio fundamental na leitura espacial: mapas, escalas, topografia; Leitura e interpretação de mapas; Fundamentos de Geomorfologia; Fundamentos de climatologia; Solstício e Equinócio; Tipos de clima e aspectos que influenciam no clima.
3. Professor Ms. Luiz Alves Brigido Maia. Possui graduação em Geografia; pós-graduação Lato-Sensu em Psicopedagogia; mestrado em Geografia Humana. Atualmente é professor das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Data da entrevista: 15/03/2012. Nome da disciplina que leciona: Responsabilidade Social e Ambiental. Conteúdo programático: Conceito de Responsabilidade Social e Ambiental. O Desenvolvimento sustentável e sua aplicação nas empresas de hospitalidade e Turismo. A Gestão da responsabilidade social e ambiental como fator de equilíbrio nas relações empresariais. A aplicação de normas nacionais e internacionais na hotelaria, bares, restaurantes, eventos e empresas de turismo.
4. Professora Dr. Maria Ângela de Abreu Cabianca Marques. Possui graduação em Geografia pela USP; graduação em Ecologia pela UNESP de Rio Claro; mestrado em Ecologia na USP; e doutorado em Saúde Ambiental pela USP. Atualmente é professora da Universidade Anhembi Morumbi. Data da entrevista: 19/03/2012. Nome da disciplina que leciona: Geografia e Turismo. Conteúdo programático: "Organização do espaço geográfico; Elementos que compõem a paisagem natural e construída considerando suas relações com a atividade turística; patrimônio natural brasileiro e a possibilidade de sua utilização sustentável pelo Turismo; Metodologias de estudo da paisagem, lembrando procedimentos básicos de Cartografia e destacando. Nome da disciplina que leciona: Sustentabilidade Turística. Conteúdo programático: Contextualização da questão do desenvolvimento humano em sintonia com o meio ambiente, com ênfase nas discussões das propostas legislativas, políticas, programas,

projetos que envolvam a questão da responsabilidade social e favoreçam a gestão turística sustentável."

5. Professora Ms. Letícia Carolina Teixeira Pádua. Possui graduação e mestrado em Geografia pela PUC-Minas; Doutoranda em Geografia Física na USP. Atualmente é professora da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Data da entrevista: 13/04/2012. Nome da disciplina que leciona: Planejamento Turístico; Conteúdo programático: Comunicação e informação turística; Serviços Turísticos; Composto de Comunicação; Pesquisa e Estratégia de Marketing; Marketing de Serviços; Marketing Turístico; Planejamento de Comunicação e Marketing; Categorias de análise espaciais; Geografia Urbana e Cultural; Planos Diretores e Infra-Estrutura Urbana; Percepção do meio ambiente; Criar atenção, interesse, desejo e ação de compra de produtos ou serviços turísticos de uma localidade; Compreender a importância das ferramentas promocionais mais adequadas no turismo; Entender as características da localidade e perfil do consumidor do turismo para identificar estratégias de marketing adequadas; Entender o ciclo de vida do produto turístico baseados em dados geográficos e outras variáveis; Entender a estratégia de benefício dos produtos e serviços turísticos; Aplicar o composto de marketing no turismo; Entender a importância de um Plano de Comunicação e Planejamento Estratégico de Marketing para municípios com potencial turístico; Identificar os diferentes tipos de espaço e seus efeitos no turismo; Compreender a formação das cidades e o papel da cultura na formação do lugar; Reconhecer como o turismo é tratado nos Planos Diretores; Entender a percepção do meio ambiente e seu uso nos diagnósticos e planejamentos turístico.
6. Professor Dr. Sidnei Raimundo. Possui graduação em Geografia pela USP; Mestrado em Geografia Física na USP; Doutorado em Geografia Física na UNICAMP. Atualmente é professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP). Data da entrevista: 25/03/2012. Nome da disciplina que leciona: Lazer, Turismo e Meio Ambiente. Conteúdo programático: Realizar uma revisão ampla dos conceitos de meio ambiente estudados no ciclo básico destacando suas inter-relações com o lazer e o turismo; Apresentação e discussão das relações entre o lazer, o turismo e o meio ambiente, com ênfase no entendimento da natureza sob o prisma das ciências naturais, sociais e econômicas; Avaliação dos pressupostos do Lazer e Turismo Sustentável, verificando suas características e contradições e estudando casos (no meio urbano, rural e natural) em que esses pressupostos foram

utilizados com êxito; Entender a estrutura e funcionamento de unidades de conservação (áreas protegidas) no Brasil e no Mundo estudando suas interfaces com o Lazer e Turismo; Estudar algumas das técnicas de avaliação de impacto do Lazer e Turismo em áreas naturais.

7. Professora Ep. Jaqueline Silva dos Santos. Possui graduação em Turismo pela Universidade Santo Amaro, com ênfase em Planejamento Turístico; Especialização em Planejamento, Gestão e Marketing Turístico pela PUC; Mestranda em Pedagogia na UNINOVE. Atualmente é professora das Faculdades Anhanguera (Unidade Guarulhos). Data da entrevista: 07/05/2012. Nome da disciplina que leciona: Projeto de Desenvolvimento Turístico II. Conteúdo programático: Elementos que compõem o projeto; Etapas de elaboração de um projeto turístico; Modelo geral de projeto. Adequação do projeto ao mercado turístico; A elaboração do projeto sob a ótica do investidor; Análise do projeto turístico: viabilidade social, ambiental e econômico-financeira; Avaliação do projeto: comercialização, tamanho, localização e investimento; Estudo de receita e custos; Fontes de financiamento: disponibilidade, características e formas de inserção dos projetos; Apresentação do projeto; Estudos de casos e trabalhos práticos.
8. Professor Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles. Possui graduação em Geografia pela USP; Mestrado pela USP; Doutorado em Ciências da Comunicação pela USP. Atualmente é professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP). Data da entrevista 15/05/2012. Nome da disciplina que leciona: Turismo e Meio Ambiente. Conteúdo programático: Turismo e meio ambiente. O ambientalismo e as formas de turismo; ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural, turismo místico e outras modalidades; Implicações ambientais e repercussões espaciais, econômicas e sócio-culturais; A questão da sustentabilidade. Educação e conscientização; Atuação governamental e empresarial na conservação do meio ambiente. Os limites do desenvolvimento turístico. Estudos de Casos. Visitas técnicas.

## **4 Coleta e análise das entrevistas**

Depois de realizadas as etapas de pesquisa bibliográfica pertinente ao assunto desta pesquisa, aplicação das entrevistas e digitação dos dados, ponderaremos, agora, sobre a análise de conteúdo do material.

### **4.1 Perfil dos professores**

Conforme foi estipulado, as entrevistas foram realizadas com oito professores, sendo todos estes docentes de universidades e faculdades da região metropolitana de São Paulo, sete professores de Faculdades/Universidades do município de São Paulo, e apenas um professor de uma Faculdade localizada no município de Guarulhos. Este trabalho de campo teve início em 13/02/2012, e foi finalizado em 15/05/2012. Cabe também dizer que, além dos dados coletados nas entrevistas, foram ainda extraídas outras informações por meio de e-mail ou consulta de currículo Lattes na internet. Itens estes também pesquisados devido a alguns problemas durante as gravações, ou mesmo informações que não ficaram claras durante as entrevistas.

Os dados coletados foram analisados conforme Duarte (2005), que complementa que o ato de classificar informação deve partir de determinados critérios, assim, posteriormente, foi feita a classificação do trabalho, onde as respostas foram organizadas em termos comuns, para se dedicar profundamente às suas observações.

Faz-se necessário proferir que se procurou determinar e identificar pontos tanto em comum, como também divergências dos respectivos entendimentos dos professores diante dos questionamentos da entrevista, sem, no entanto, tratar com distinção os mesmos.

O primeiro detalhamento é sobre as formações dos sujeitos envolvidos com esta pesquisa descritos no capítulo anterior. Observa-se que são predominantemente da área de Geografia, sete professores; seguido por um em Ecologia (sendo que o mesmo professor também possui graduação em Geografia); e também, apenas um outro professor que possui graduação em Turismo.

Ainda compondo o perfil profissional dos docentes, abaixo podemos observar a experiência no ramo educacional dos mesmos, incluindo suas participações em cursos superiores de turismo:

Tabela 1 – Tempo de docência integral e em cursos superiores de turismo

<b>Professores entrevistados</b>	<b>Tempo de docência integral</b>	<b>Tempo de docência na área de turismo</b>
Raphael Aranha	12 anos	4 de Ensino Superior de Turismo
Daniel Nery	21 anos	2 anos Ensino Superior de Turismo
Luiz Brígido Maia	20 anos	12 anos no Ensino Superior de Turismo
Maria Ângela Cabianca	10 anos	10 anos de Ensino Superior de Turismo
Letícia Pádua	12 anos	10 anos de Ensino Superior de Turismo
Sidnei Raimundo	24 anos	17 anos de Ensino Superior de Turismo
Jaqueline Silva	10 anos	10 anos de Ensino Superior de Turismo
Reinaldo Telles	22 anos	13 anos de Ensino Superior de Turismo

#### **4.2 Concepções dos professores sobre meio ambiente**

No que diz respeito às respectivas concepções dos entrevistados do que é meio ambiente, para um melhor efeito de comparação, preferimos descrever algumas expressões citadas nas entrevistas, que ocorreram com alguma frequência, possuem significados semelhantes, ou até mesmo são sinônimos. Tais entendimentos serão analisados à luz dos modelos de representação social de meio ambiente de Reigota (1999): antropocêntrico, globalizante e naturalista.

De acordo com as entrevistas nota-se um predomínio, quase que unânime no que se refere à representação social globalizante, já que os conceitos de boa parte dos professores sobre o meio ambiente evidenciam percepções de relacionamentos homem/sociedade e natureza, em boa parte numa totalidade, pautado por intensa interação e em constante equilíbrio.

Observam-se nas entrevistas algumas expressões que denotam a representação social globalizante, e assim, quando se é perguntado o que é meio ambiente, é comum verificar palavras como: “circundar”; “relações”; “interações”; bem como expressões: “meio ambiente é tudo”; “tudo é meio ambiente”; “envolvimento de todos os elementos”.

Entretanto, ainda sobre o conceito de meio ambiente, especialmente, em uma resposta dada pelo professor Daniel Nery, observou-se que há referências ao meio ambiente, em que podemos incluí-la na representação social antropocêntrica e também naturalista. Nessa resposta que fora dada pelo professor, deve-se salientar que o mesmo, em suas concepções divide o meio ambiente em duas partes: meio ambiente produzido, que se encaixa na representação social antropocêntrica, e é definido pelo professor como o meio que atende aos imperativos das sociedades, melhor especificado na citação do próprio; “O meio ambiente produzido é aquele que é desenvolvido pra atender as diferentes necessidades das sociedades humanas.”; e também, em meio ambiente natural, sendo decorrência da própria dinâmica natural do planeta, posição esta adequada à representação social naturalista, como diz o trecho extraído da entrevista “[...] meio ambiente natural ele é consequências de interações e processos naturais da Terra.”.

#### **4.3 Temas e abordagens de meio ambiente discutidos nas aulas de Turismo**

Há uma diversidade nos temas de interface entre meio ambiente e turismo trabalhados pelos professores.

Destacamos nesta seção o tema “impacto” como o assunto popularmente mais discutido, sendo citado por três dos professores entrevistados. Observamos também que a discussão de “sustentabilidade” também foi frequentemente mencionada.

Outros temas aludidos são: paisagem, território, patrimônio natural, planejamento, questão semântica de meio ambiente, potencialidades do clima, da vegetação, entre outros.

Tabela 2 - Temas de meio ambiente e Turismo que são trabalhados

<b>Professores entrevistados</b>	<b>Temas de Turismo e Meio Ambiente que trabalha</b>
Raphael Aranha	Potencialidades do clima, da vegetação, da paisagem; aspectos ambientais; elementos da geografia física e humana
Daniel Nery	Impactos negativos e positivos
Luiz Brígido Maia	Paisagem e território
Maria Ângela Cabianca	Patrimônio natural, sustentabilidade.
Letícia Pádua	Sustentabilidade turística e sustentabilidade ambiental, econômica e

	política financeira
Sidnei Raimundo	Impactos (de modo geral)
Jaqueline Silva dos Santos	Planejamento e impactos
Reinaldo Telles	Questão semântica do que é meio ambiente: importância e complexidade

Quando questionados sobre autores, vê-se que estes trafegam principalmente pela disciplina de geografia, no entanto, ocorrendo citações, especialmente, no quesito planejamento de turismo que necessita de um aporte amplo e interdisciplinar para sua compreensão mais particularizada. Além disso, é importante dizer que não há quase repetição de autores por parte dos docentes pesquisados.

Abaixo um quadro referencial de autores mencionados durante as entrevistas:

Tabela 3 - Autores citados pelos professores

<b>Professores entrevistados</b>	<b>Autores citados pelos professores</b>
Raphael Aranha	José Teixeira Guerra/Sanchez, autor de um livro Avaliação de impacto Ambiental/José (Eli) da Veiga
Daniel Nery	Rita de Cássia
Luiz Brígido Maia	Aziz Ab Saber, Ana Fani, Eduardo Yazigi
Maria Ângela Cabianca	Rita Cruz, Mario Beni, Paulo Pires
Letícia Pádua	Yi-Fu-Tuan
Sidnei Raimundo	Luiza Neide Coriolano/Peter Murphy/Molina/Marta Irving/Stephen Wearing/ John Neil
Jaqueline Silva dos Santos	Petrocchi, Ruschmann, Beni
Reinaldo Telles	Sidnei Raimundo, Diegues, Lindberg

A análise dos autores emenda-se respectivamente às abordagens utilizadas pelos professores. É notada certa aproximação nos enfoques dados na preocupação de dividir teoria e prática, no trato aos assuntos que enfatizem discussões éticas e relações humanas. Todavia, serão melhor detalhadas, abaixo, algumas minúcias e também fragmentos das entrevistas.

Tais abordagens são tratadas por alguns professores com a leitura de diferentes textos e livros, como citam os professores Raphael Aranha e Luiz Brigido. O professor Raphael, além disso, trabalha com imagens que são interessantes para entender os processos e desenvolvimentos turísticos, por exemplo:

[...] como que as massas de ar no período de inverno no sul do Brasil vão dinamizar o turismo naquela região, e aí você vai tratando com questões físicas, com elementos atmosféricos que são naturais, e que vão potencializar, por exemplo, com a queda de neve, por exemplo, em Santa Catarina, o turismo na região.

Partindo das diferentes leituras, não apenas da Geografia, mas, por exemplo, também da biologia, entre outras, o professor Luiz Brigido procura discutir as paisagens brasileiras, com a finalidade de ampliar o entendimento do assunto.

Em outras respostas é possível perceber que alguns professores trabalham com uma abordagem de meio ambiente, utilizando suas próprias palavras, o “decompondo”, para que possa ser, então, entendido na “distribuição do espaço, na própria geografia” como nos diz, principalmente, a professora Maria Ângela Cabianca. O professor Sidnei Raimundo também se refere à questão de abordagem do meio ambiente de maneira muito próxima às práticas da professora, pois, ele habitualmente trabalha seus estudos partindo “do geral para o particular”, a princípio “como o ser humano encara o meio ambiente”, ou seja, estudando a relação de sociedade e natureza em primeiro plano, e em seguida entrando no tema de sustentabilidade.

O professor Daniel Nery, divide sua abordagem em “abordagem teórica e prática”. Também observa a importância da leitura, estudos de casos, para depois levar o aluno a campo. De modo parecido o professor Reinaldo Miranda propõe aos seus alunos uma discussão sobre a “questão semântica” de meio ambiente, sem que os mesmos alunos esperem “grandes respostas”; entretanto, havendo necessidade posteriormente de levar a discussão para a prática também.

Já a professora Letícia Pádua ressalta, como objetivo, trabalhar o turismo levando em conta, principalmente, a questão humanista, a interação entre as pessoas e meio ambiente: “[...] o meio ambiente na forma como as pessoas interagem com o meio ambiente...”, porque, ainda explica: “[...] ou seja, a explicação científica por si só não interessa, interessa a interação.”.

Uma das mais conhecidas e utilizadas teorias de turismo é a teoria geral dos sistemas, um dos entrevistados, no caso a professora Jaqueline Silva, faz proveito desta

abordagem, em especial o SISTUR, para trabalhar seus temas. Este enfoque dado pela professora é bem visível em sua fala, principalmente quando ela lembra Mario Beni, autor muito conhecido e citado em pesquisas de Turismo: “[...] a gente trabalha bastante com o modelo desenvolvido pelo Mário Beni, o do SISTUR, que tem uma abordagem de pensar o turismo de uma forma mais holística, a partir de um todo e da interação destas partes com um todo.”.

#### **4.4 Recursos metodológicos e aulas práticas**

Sobre recursos metodológicos foram citados os mais tradicionais por parte dos professores, tais como: lousa e giz, aula expositiva, questionamentos, uso de textos, revistas, debates, leitura e painéis. Igualmente, foi relatado o uso de tecnologias como PowerPoint e data show.

Aponta-se, ademais, algumas críticas e soluções, citados pelos próprios professores, para a prática das aulas e, até mesmo, alguns recursos interessantes e inovadores.

Sobre tais recursos, inicialmente, é importante mencionar que a Professora Jaqueline Silva traz alguns questionamentos sobre o uso do data show, ou outro recurso audiovisual semelhante, pois, ela afirma usar apenas de maneira direcionada, quando há o objetivo de passar algum vídeo ou imagem. Sua principal crítica a esse recurso é porque o aluno, dependendo do horário, já chega cansado na aula, e o uso de data show como a própria professora diz “[...] ele cria um ambiente em que o aluno já tá cansado, ele termina vindo à tona, porque você diminui a luz.”, o que faz com que tire a fluidez da aula. O professor Sidnei Raimundo, no mesmo sentido, observa que o uso da aula expositiva pode ser cansativo, tanto para os alunos como para o próprio professor. Com isso, ele mantém o hábito de falar para seus alunos que sua aula será uma “aula expositiva dialogada”, aonde ele vai “jogando perguntas pra eles, baseado em uma transparência”.

A cartografia, importante recurso para representação gráfica de mapas, foi citada por apenas três professores Daniel Nery e Maria Ângela Cabianca, assim como a professora Letícia Pádua refere-se ao uso de “mapas mentais” e “psicologia comportamentalista”.

O professor Luiz Brígido costuma trabalhar com um interessante recurso, que o chama de “Geografia em canção”, onde é utilizada música com abordagem de meio ambiente, como exemplo, canções do artista Raul Seixas.

O uso de painéis, apropriado para aprofundamento de um determinado assunto e, também, trazerem um maior envolvimento com discussões por parte dos alunos, é um artifício utilizado pelo professor Reinaldo Miranda.

Com tantas mudanças sociais e comportamentais no dia a dia do aluno do ensino superior, o professor Raphael Aranha citou a utilização de recursos tecnológicos modernos, em que alunos têm a permissão de usar telefones celulares, notebooks ou mesmo Ipad's em algumas de suas avaliações:

A avaliação foi assim, peguei um texto, um arquivo em PDF, passei pra todos alunos da sala, e falei pra eles assim: já que vocês gostam tanto de utilizar celular, Ipod, notebook durante as aulas, e muitas vezes estão bem longe do que a gente está discutindo aqui na sala, então, esse arquivo ele vai ser utilizado pra consulta, ele vai ser base pra responder as questões, só que agora vocês vão poder utilizar exclusivamente o celular, o tablet ou o notebook, nada além disso. E foi assim, o pessoal pediu mais vezes isso.

O professor relata que “[...] enquanto eu via muito alunos brigando, desculpa, muitos professores brigando por causa do uso celular, eu ficava imaginando maneiras de como servir pra aula.”. Assim, o professor concluiu que esses equipamentos poderiam ser úteis, e não tão nocivos para o aprendizado, como são costumeiramente vistos por alguns profissionais da educação.

E ainda na questão sobre recursos metodológicos e atividades práticas, em uma das respostas, especificamente, dada pelo professor Daniel Nery, foi mencionado uma dificuldade que tem sido recorrente em suas aulas, sobre um polêmico assunto, o aquecimento global. O professor conta que há uma dificuldade, provavelmente, de aliança entre teoria e prática, quando procura mostrar algo diferente para os alunos, assim, ele finaliza:

Por exemplo, um tema que tá muito em pauta, que é a questão do aquecimento global, em que o principal vilão é o monóxido de carbono, atividade antrópica; que na minha concepção isso tá errado, é uma mentira isso, não tá correto. Então, é mostrar outro lado para o aluno, no primeiro momento, e depois é mostrar uma compreensão numa outra visão.

#### **4.5 Importâncias do meio ambiente para o curso superior de turismo e para a formação dos alunos**

Um ponto bastante importante desta pesquisa é o ponto de vista dos professores frente à importância da discussão do meio ambiente para o curso de turismo e também para a formação do discente.

Ao encontro deste questionamento, foi percebido que há uma preocupação unânime por desenvolver um turismo que atue dentro dos limites do conceito de turismo sustentável e ético. Isso foi diversas vezes mencionado ao longo das entrevistas, tendo em vista que professores como Luiz Brigido, Maria Ângela Cabianca, Letícia Pádua, Jaqueline dos Santos e Reinaldo Miranda salientam que a atividade turística, por muito tempo, pouco se preocupou em desenvolver planejamentos que respeitassem os recursos naturais, que agissem para equalizar ou promover uma divisão econômico-social equitativa.

Para isso os professores falam em desenvolver uma atitude ética no aluno, auxiliando no desenvolvimento de seu papel como cidadão. É necessário que o educando “entenda qual é a relação que ele tem com os recursos naturais”, pois o turismo é uma atividade que “consome espaço” como foi dito pelo professor Daniel Nery.

Alguns professores, como Sidnei Raimundo, observam também que as disciplinas que abordam meio ambiente não são uma base, pois esta discussão estará sempre presente em todas as disciplinas e, evidentemente, durante todo o ciclo acadêmico do discente.

#### **4.6 Sobre mudanças e concepções dos professores**

De acordo com a experiência de vida de cada professor nota-se que os mesmos perceberam algumas mudanças ao longo de suas carreiras. Sejam estas concepções, abordagens ou práticas pedagógicas, assim como transformações mais generalizadas. Observa-se que isso depende de sua experiência profissional e também de vida. Neste ponto as respostas são razoavelmente distintas.

Há pontos em comum, principalmente, nos tratos às formações dos alunos, como nas ressalvas dos professores Sidnei Raimundo e Reinaldo Miranda que se preocupam em trazer contribuições novas, todavia com responsabilidade científica como afirma o último: “Acho que tem de trazer pro meu aluno o que é novo, aquela novidade...”, sendo que o mesmo professor demonstra preocupação ao transmitir conhecimento quando fala

“[...] saber filtrar, eu acho que eu tenho essa responsabilidade. Pra não correr o risco de entrar numa sala de aula com modelos pré-concebidos, às vezes, de alguma coisa que tá dando certo no mercado, e que nem sempre é interessante pra aquilo, pra sociedade de uma maneira geral.”.

Há referência em “aprimoramentos de leituras”, mudanças de “vários aspectos geográficos”, diz o professor Luiz Brigido; e também em mudanças epistemológicas como

ressalta a professora Letícia Pádua: “[...] nos últimos dez anos tem tido um campo fértil de mudanças epistemológicas absorvendo muita cultura, que inclusive abrange a geografia cultural.”.

A professora Maria Ângela Cabianca ao longo de sua carreira de docente vê, atualmente, que ao entrar na universidade o aluno chega de certo modo despreparado. Segundo a professora:

Há muita coisa. Primeiro essa constatação do despreparo dos alunos da graduação. Uma constatação e um alerta pra gente preparar, poder oferecer esse conhecimento pra que o aluno entenda a necessidade dele, valorize isso, e compreenda aquilo que a gente tá tentando ensinar, isso foi um grande aprendizado nesses últimos dez anos aqui de docência.

Esse excerto é semelhante a uma observação feita pelo Professor Luiz Brígido, que também, no que se refere à defasagem de conhecimento dos alunos calouros, aponta que teoricamente, por parte governamental, até há propostas interdisciplinares, tentativas de se formar um aluno no ensino básico preparado para ingressar em uma universidade, onde as discussões seriam mais aprofundadas, porém, nas palavras do professor:

Só que nós sabemos que toda essa formação não chega, porque os alunos ou chegam de escola pública, que tá sucateada, ou mesmo quando vem de escolas particulares, ou mesmo nas escolas públicas, os conteúdos de geografia física que são importantíssimos, esses conteúdos simplesmente eles não são lecionados, passam batidos por eles. E tudo isso vai colaborar para quando chegar no ensino superior o aluno não saiba sequer nem o que é fuso horário, ou seja, era algo que tinha que ver lá na quinta série, ou no primeiro ensino no médio. Então, de pronta resposta, se houvesse realmente uma proposta de cumprir o PCN, o trabalho do Ensino Superior seria muito mais fácil o problema é que a avaliação é quantitativa, não é qualitativa, e aí está chegando àquilo que era previsível que todos nós sabemos, os alunos todos mal formados, com pouco conteúdo, e é complicado.

Ainda sobre questões referentes aos alunos, o professor Daniel Nery, em uma resposta bem simples, entende que hoje, devido sua experiência, tornou-se mais humano, vendo no aluno um ser humano com potenciais dificuldades diárias, e ele hoje se enxerga como um professor “[...] mais humano, eu vejo assim, não tanto sistemático, acho que o que mudou foi isso”.

Um interessante exemplo de experiência de vida foi relatado pela professora Jaqueline, que passou a valorizar ainda mais as atitudes práticas, quando de sua estada em um país africano:

Vou te falar que eu tive uma experiência, a gente se acha muito informado, a gente se acha: ah, eu procuro aplicar meu conhecimento no dia a dia, e tudo isso. Aí eu tive uma experiência que eu fui pra Cabo Verde. Cabo Verde são dez ilhas, e uma

não é habitada, e nove são. Eu fui pra uma ilha que não tem água potável, nenhuma, não tem água, nem no subsolo. Daí eles pegam água do mar, dessalinizam, e utilizam a água, e água é caríssima, é muito cara a água. Assim, a população pobre não tem encanamento de água, eles compram o balde de água pra cozinhar, para o essencial pra beber, e eles não tem condições de comprar mais que isso, e nos bairros pobres não existe encanamento de água, porque a população não tem condições de pagar pela água. E aí eu fui rever muito os meus conceitos, a partir disso. Eu me achava muito informada, e eu vi que apesar de muita informação, no meu dia a dia, nada se aplicava. Meus conhecimentos. E foi preciso estar nesta situação de sentir essa experiência. Porque as pessoas não têm água, não têm banheiro, eles usam a água do mar pra praticamente tudo, lavar roupa.

#### **4.7 Discussão**

Apresentamos na parte anterior os principais excertos extraídos das entrevistas cedidas pelos informantes escolhidos para a pesquisa. Utilizando de bibliografia relacionada ao estudo. Têm-se como objetivo agora a confrontação desta com o material obtido.

Como já revelado, as formações dos professores, em maioria, procedem da área da Geografia, havendo apenas duas exceções: Ecologia e Turismo.

Também como ponto predominante foram as respostas sobre o que é meio ambiente, assim, as concepções giraram em torno de respostas que indicaram sentidos amplos. É, também, importante lembrar que, quando questionados a respeito desta pergunta, praticamente, todos os professores iniciavam suas falas dizendo que seria difícil respondê-la devido, provavelmente, não haver um conceito fechado a respeito dos significados de meio ambiente.

As questões de impactos e sustentabilidade são os principais assuntos abordados pelos professores em suas aulas sobre meio ambiente e turismo. Objetos de estudo recorrentes na área acadêmica e mesmo também no campo mais informal, já que são mencionados e discutidos pelos meios de comunicação. Estes assuntos são abordados pelos professores, sob várias perspectivas, havendo predominância da área da Geografia. Além disso, foi citada a Teoria Geral dos Sistemas, especificamente, a abordada por Mario Beni, um conceito que trata das interações de variáveis de um sistema (BENI, 1997).

Nota-se, além disso, que ao observamos a bibliografia citada, há uma diversidade de autores de várias áreas, novamente, havendo uma predominância Geografia, contudo apontando para um ensino interdisciplinar, sem priorizar essa ou àquela área.

Reigota (2004) abordando a questão da educação ambiental observa que é importante fazer ligações entre vários campos da ciência e os problemas que ocorrem no cotidiano, pois, dessa forma contribui para uma cooperação entre professores de diversas áreas (REIGOTA, 2004, p.36). Esse ponto também pode ser observado no ensino superior de Turismo, curso abrangente, permeado de debates que exigem posturas e argumentos com inclinações interdisciplinares e, além disso, atividades práticas.

No caso da região metropolitana de São Paulo, tendo em vista que os informantes escolhidos pertencem a este município, e também à extensão da capital, percebemos que nas discussões teóricas, assim como práticas, há uma preocupação dos docentes em conhecer os problemas nas proximidades residenciais dos estudantes. Essa ocorrência é importante, já que a educação ambiental deve se basear de acordo com os determinados contextos e com problemas que são realmente vividos pelos alunos (REIGOTA, 2004).

Sobre recursos metodológicos, tendo em vista que há muitas técnicas existentes, e que trazem um caráter dinâmico para as aulas, como observa Masetto (2010), foi notada, quando se trata do uso de recursos metodológicos no cotidiano acadêmico, a predominância de soluções mais conhecidas no cotidiano do professor; todavia, havendo interessantes exemplos de inovações para auxílio nas aulas. As mudanças sociais e avanços de tecnologias promovem situações novas no cotidiano das universidades. O contexto é novo e diante disso o profissional da educação deve-se adaptar, ou como diz Thurler (2002) “reinventar as práticas pedagógicas”, entretanto, sem detrimento de práticas antigas, que são observadas com êxito, como vemos por meio das experiências referidas.

A aula expositiva é notadamente um dos métodos mais comuns no ensino universitário, porém não muito recomendada na educação ambiental, como diz Reigota (2004). Essa atividade foi mencionada por alguns professores que apontam cuidados e críticas no seu uso, como exemplo, pouca participação do aluno. O pesquisador Masetto (2003) sugere, para isso, algumas técnicas como alternativas: painel integrado, GOGV (grupos de oralização e grupos de verbalização), grupos formulando e respondendo perguntas, entre outras, contudo, salienta o autor, que a relação de professor/aluno deve ser de corresponsabilidade e parceria (MASETTO, 2003, p79). E como auxílio de aula, o uso do quadro é assinalado como importante, apesar de preexistente, sua aplicação no dia a dia escolar não deve ser apenas uniformizada, possuindo também suas variações. Ainda sim, seu

uso é essencial, como em uma correção de um exercício, e dependendo de ocasiões, estruturar um raciocínio (AMIGUES, 2004, p.46).

Há uma profunda preocupação dos professores quanto à formação do aluno, e seu desenvolvimento ético. As discussões sobre valores como democracia, participação, ética devem ser situadas no espaço e tempo das aulas do professor no ensino superior, assim refere-se Masetto (2010), e no curso de Turismo isso se evidencia, devido às críticas assentadas pelos professores e suas devidas preocupações com uma postura educativa apurada e de responsabilidade social.

Assim é exposta a necessidade de priorizar a formação e não informação, logo que, no processo de ensino em uma universidade, o que se produz abarca o campo da ciência. Coloca-se como prioridade formar profissionais responsáveis, atentos aos problemas decorrentes do turismo, para que este não seja um “devorador de paisagens” (SIDNEI (2011) apud KRIPPENDORF (1997)), atuando nas frentes de defesa de um turismo responsável.

Refletindo a respeito da preocupação e reconhecimento de uma existente defasagem no ensino básico, impasse esse que virá trará um intenso reflexo no ensino superior, é comum preocupação por parte dos professores, havendo uma necessidade emergente para a melhoria desta modalidade de ensino.

Pode-se concluir que, diante da experiência de cada professor entrevistado, ocorreram interessantes exemplos de aprendizado, observação de mudança de concepção ou práticas nas suas áreas e um consenso na preocupação por desenvolver com êxito a atividade docente. A construção do pensamento teórico, refletindo sobre as nuances e novidades de suas disciplinas, assim como a experiência prática foram significativos exemplos para o desenvolvimento pedagógico, igualmente, é um importante passo para as mudanças, que são vistas como necessárias em tempos de transformações e efemeridades sem precedentes na história.

## **Considerações finais**

O principal objetivo indagado por esta pesquisa foi analisar as abordagens, concepções e práticas pedagógicas dos professores responsáveis pelas disciplinas que discutem o meio ambiente no Ensino Superior de Turismo, particularmente, em Faculdades/Universidades da região metropolitana de São Paulo.

As respostas obtidas a partir do questionamento da concepção de meio ambiente pelos professores não se restringiram a um conceito fechado. Assim com o levantamento das diferentes concepções sobre meio ambiente, em geral, vê-se que foram detalhadas apreciações amplas, envolvendo não apenas o meio natural, mas também incluindo sociedade e cultura. Essa majoritária percepção é corroborada pela construção histórica e cultural de meio ambiente, como é assinalado em parte da bibliografia pesquisada.

Notamos na biografia pesquisada sobre o fato da área do turismo necessitar de um grande aporte de outras ciências. Fato notório ratificado em muitas das falas dos informantes e mesmo em suas citações sobre as abordagens de meio ambiente utilizadas, assuntos e demais autores que fazem parte da bibliografia trabalhada pelos professores. Além disso, é apontado para o cuidado em estabelecer critérios na produção de conhecimento na universidade, principalmente no discernimento entre formação e informação, rigor com determinados modismos, cabendo ao professor ser rigoroso e possuir seriedade nesse sentido.

Quando se observa como se dá a aplicabilidade de diferenciadas técnicas, recursos metodológicos pelos docentes há também uma evidente preocupação com as atividades práticas, fundamentais para a construção do saber no ensino de meio ambiente. O entendimento da importância por execuções de atividades fora do domínio da sala de aula deixam transparecer que são influências diretas de seus arcabouços teóricos de meio ambiente, nas quais há uma necessidade do aluno compreender-se no espaço que o cerca. Importante mencionar tal fato, e também acrescentar que sempre é esperada a cooperação entre aluno-professor, pois o ensino e transmissão de conhecimento sobre meio ambiente deve passar longe de uma participação parcimoniosa dos alunos, do “ensino bancário”, nos dizeres de Paulo Freire, sem que atuem de maneira ativa na construção de seus próprios conhecimentos.

Na contemporaneidade grande parte dos jovens estão habituados em um contexto de avanços tecnológicos, observamos que o uso de instrumentos novos, como tecnologias

modernas, é interessante; mas sem, no entanto, excluir as antigas ferramentas utilizadas pelos professores. Nas experiências citadas, notamos que a busca por soluções que auxiliassem ou dinamizassem as aulas foi referida em diversos momentos das experiências profissionais dos docentes, e não somente a esse momento atual, em que vivemos, conjuntura que requer professores criativos, como dizem até mesmo especialistas da educação.

Os trabalhos coletivos devem ser desenvolvidos em sinergia, assim é necessário pensar em aulas que possam ter como espaço e que permitam incentivar o aluno aos questionamentos de sua participação como cidadão. Desse modo, percebe-se, com esse estudo, que deve-se criar possibilidades para se ter um ensino que promova uma real mudança de mentalidade, pois esta última é uma das principais premissas para uma efetiva e promissora educação ambiental que, agregando-se ao ensino de Turismo, poderá trazer benefícios para ambos.

E por fim, questiona-se também a defasagem de aprendizagem no ensino de base, e que reflete na chegada do aluno ao ensino superior. Fato esse verificado em diversas passagens das entrevistas. As manifestações dos professores a respeito é um alerta às instituições responsáveis pelos ensinos fundamental e médio, a buscar soluções possíveis para esse presente problema, já que nos dias atuais, o próprio ensino médio é visto por muitos como condição mínima para seu progresso pessoal, havendo uma grande demanda que deseja ingressar no ensino superior.

## Referências Bibliográficas

- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel (org.) (2004). **O ensino como trabalho**. Londrina: EDUEL/FAPESP.
- BARRETTO, M.; TAMANINI, E. SILVA, M. **Discutindo o ensino universitário de turismo** Campinas: Papyrus, 2004.
- BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Institui a **Política Nacional do Meio Ambiente**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6938compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938compilada.htm)>. Acesso em 10/06/2012.
- BRASIL. Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a **Política Nacional de Educação Ambiental** e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm). Acesso em 10/06/2012.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 1997.
- CASCINO, F. Pensando a relação entre educação ambiental e a atividade turística. In: Serrano, C., Bruhns, H. T. e Luchiari, M. T. D. P (orgs.). **Olhares Contemporâneos sobre o Turismo**. Papyrus, Coleção Turismo, pp. 189-206. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Educação ambiental: princípio, história, formação de professores**. São Paulo, SP: Senac, 1999.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GOMES, P. M. **(Eco)Turismo: uma (Re)Leitura dos Discursos**. Brasília: IBAMA, 2003.
- KLOETZEL, K.O. **O que é meio ambiente**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. (coleção primeiros passos).
- MASETO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo. Summus Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **O professor na hora da verdade:** A prática docente no ensino superior. São Paulo: Avercamp, 2010.

MATIAS, M. **Turismo:** formação e profissionalização (30 anos de história). Barueri: Manole, 2002.

PENTEADO, H. D. **Meio ambiente e formação de professores.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIRES, P. S. As Múltiplas Facetas e Implicações da Relação Turismo e Meio Ambiente. **IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL** - Caxias do Sul, 7 e 8 de Julho de 2006. Disponível em: <[http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/seminario\\_4/arquivos\\_4\\_seminario/GT08-3.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/seminario_4/arquivos_4_seminario/GT08-3.pdf)>. Acesso em 02/05/2012.

\_\_\_\_\_. Interfaces ambientais do turismo. In: TRIGO, L. G. G. T. (Org.). **Turismo:** como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac, 2001a. v. 1.

RAIMUNDO, S. As atividades de aventura e suas implicações na gestão ambiental: considerações sobre os impactos positivos e negativos dessas práticas na natureza. In: Dimitri Woo Pereira. (Org.). **Entre o urbano e a natureza:** a inclusão da aventura. 1 ed. São Bernardo do Campo (SP): Editora Lexia, 2011, v. , p. 141-158.

REGULES, M. P. P. et al. **Caminhos do futuro:** ética, meio ambiente e cidadania para o turismo. São Paulo: IPSIS, 2007.

REIGOTA, M.. **Ecologia, Elites e Intelligentsia na América Latina:** um estudo de suas representações sociais. São Paulo: Annablume, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Braziliense, 2004.

\_\_\_\_\_. O estado da arte da pesquisa em educação ambiental no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental** (UFSCar), v. 2, p. 33-66, 2007.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à historia do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, 2002, vol.22, no. 44, p.289-310.

SANTOS FILHO, J. Turismólogo: festejar ou organizar? **Revista Espaço Acadêmico**. 2003 v. 2, n. 20.

SANTOS LOBO, H. aA. Ênfase ambiental nos cursos de bacharelado em turismo no Brasil. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 10, n. 02. p. 286-305, mai/ago. 2008.

TAMAIIO, I. **O professor na construção do conceito de natureza**: uma experiência de educação ambiental. Annablume, 2002.

TAVOLARO, S. B. F. **Movimento ambientalista e modernidade**: sociabilidade, risco e moral. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.

TELES, R. M. S. Turismo e Meio Ambiente ou Turismo de Natureza? Alguns apontamentos para Organização dessa modalidade. In **Turismo e Meio Ambiente** – Teles, RMS (Org). Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

THURLER, M. G. O desenvolvimento profissional dos professores: novos paradigmas, novas práticas. In: PERRENOUD, Phillipe et al. **As competências para ensinar no século XXI**: A formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-111.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação Ambiental**: natureza, razão e história. Campinas: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. Repensando a educação a ambiental. In: TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologias Aplicadas à Educação Ambiental**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

# **Anexo**

## **Transcrições das entrevistas**

## **1º Entrevistado - Prof. Raphael de Carvalho Aranha**

### **A primeira pergunta eu queria saber é qual a sua formação?**

R- Sou geógrafo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e sou mestrando pela PUC de São Paulo, e também faço uma pós-graduação em gestão ambiental a distância na faculdade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro.

**A segunda pergunta também vai entrar nessa questão, digamos assim, uma coisa mais profunda, eu gostaria de saber os motivos que levaram a escolha de sua profissão.**

R- O motivo, acho que é a vocação de professor. É gostar de dar aulas, porque eu já venho da experiência do ensino fundamental e ensino médio como professor de geografia, e dar aula no ensino superior foi uma consequência disso. Uma verticalização, vamos dizer assim do pensamento. O geógrafo do ensino fundamental é aquele que tem de dar conta de todos os assuntos e disciplinas inerentes à geografia, e na faculdade você pode verticalizar um pouco mais o seu conhecimento, a sua pesquisa, pra ficar, vamos dizer assim, um crescimento, uma coisa mais agradável.

**Certo. Uma terceira questão sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos você lecionou.**

R- Assim, dar aulas mesmo já faço há doze anos, mas eu não era formado, eu era instrutor de turismo e hotelaria, pelo fato de eu ser guia de turismo me formei em geografia em 2007, e já em 2008, desde 2008 até agora eu venho dando aula. De 2008 até 2009 eu dei aulas somente em escolas, de 2009 eu entrei pra HOTECH, continuei dando aula em escolas e na HOTECH, de 2009 até 2011, quando eu fiquei só na HOTECH. E agora em 2012 eu estou somente na HOTECH.

**Agora a gente entra na parte sobre meio ambiente. Em sua opinião o que é meio ambiente?**

R- Uma questão como essa é difícil esgotar o assunto, até mesmo nas minhas aulas quando eu trato com os alunos o que é meio ambiente é complicado. Porque meio e ambiente, assim, ambiente é uma palavra que vem do latim, que é “ambier”, é o verbo que quer dizer circundar, e aí você tem o circundar, e você tem o meio, que tem a ideia de círculo,

então acaba ficando uma coisa meio redundante. Então, meio ambiente na visão do geógrafo é tudo aquilo que vai circundar, vamos dizer assim o espaço que o cidadão... É muito complicado, você definir o meio ambiente, é muito complicado.

**Entendo o que você quer dizer, o ponto de vista do geógrafo, o biólogo pode ter uma outra visão um pouco diferente, e acaba sendo um pouco complexo, mas acho que é justamente pra ver o viés, sua opinião.**

R- Poxa, quando você fala meio ambiente, ele tem tantas conotações diferentes. Por exemplo, eu estou num ambiente que não é agradável; eu posso mudar e falar, esse ambiente Windows não é tão confiável. Ambiente é tudo aquilo que nos circunda e que a gente tem relação.

**Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- Nas aulas de geografia aplicadas ao turismo a gente trabalha assim, por exemplo, as potencialidades do clima, da vegetação, da paisagem que vão fazer com que você tenha um dinamismo do turismo no local. Agora, aspectos ambientais, a gente procura trabalhar quais elementos da geografia física e humana, como esses elementos podem interagir de forma com que a paisagem ela seja algo consumida pelo turismo, vamos colocar assim.

**Qual a abordagem esses temas são trabalhados, que você utiliza?**

R- A abordagem, ela vai ser através da leitura de textos, da visualização de uma série de imagens, uma série de relações que a gente pode fazer, por exemplo, da dinâmica, como que as massas de ar no período de inverno no sul do Brasil vão dinamizar o turismo naquela região. E aí você vai tratando com questões físicas, com elementos atmosféricos que são naturais, e que vão potencializar, por exemplo, com a queda de neve, por exemplo, em Santa Catarina, o turismo na região.

**Entrando nessa questão, aprofundando. Você utiliza algum autor específico em suas aulas como base teórica?**

R- Tem uma lista gigantesca. Deixa eu pensar um pouco. Vamos lá, trabalho muito com José Teixeira Guerra, não sei se ele é Geógrafo da Universidade do Rio de Janeiro, trabalha muito com a parte de geomorfologia, erosão de solos, mas sempre traz a questão

ambiental. Trabalho também com Sanchez, que é autor de um livro: Avaliação de Impacto Ambiental. E essa ideia de impacto ambiental ela é muito complicada, porque os alunos tem sempre uma ideia de impacto ambiental ligado à poluição; e o impacto ambiental pode estar relacionado tanto à questões positivas, como negativas, eu acho que o Sanchez tem um trabalho muito legal. Olha a gente teria que voltar nessa entrevista. Olha, José da Veiga, Eli da Veiga trabalha essa questão de desenvolvimento sustentável entre aspas.

**Sem problemas. Os principais que você falou já tem uma relevância. E os recursos metodológicos que você utiliza em suas aulas?**

R- Eu costumo trabalhar, assim, não com uma aula tão expositiva, eu gosto de fazer um questionamento pra dar um desequilíbrio na turma, pra causar uma... Justamente pra fazer eles falarem, pra ver o conhecimento prévio deles, e nunca dando logo de cara uma resposta direta, se não eu acabo muito com esse desenvolvimento do raciocínio da turma. Então, eu gosto de trabalhar começando com uma imagem, com uma frase, com uma pergunta, e depois a gente sistematiza claro, e a gente sempre procura trazer a opinião de vários autores diferentes, claro pra poder fazer um arcabouço bibliográfico para o cara ver, por exemplo, a pergunta do meio ambiente, pra poder ver como em vários campos do conhecimento vai ser concebido como meio ambiente. Mas no Ensino Superior a gente trabalha muito com data-show, pra poder utilizar um número maior de imagens, tabelas gráficas, sempre uma análise de um texto.

**Outra questão é como você trabalha o ensino de meio ambiente do ponto de vista prático?**

R- Isso aí é o que a gente costuma chamar de estudo do meio. A gente faz saídas a campo, no Parque Estadual da Cantareira. Pra ver aqui na questão de São Paulo, pra ver como que a pressão sob as áreas verdes, ali você tem uma visão muito legal. A questão do ponto de vista prático são as saídas de campo.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o aluno do ensino superior de turismo?**

R- Então assim, essa temática ligada à ideia de natureza. É porque também assim, existe uma tradição de achar que o turismo só consome os lugares; mas ele ajuda também a dinamizá-los. Então, assim, você tem que saber equacionar essa questão do turismo na comunidade local, na região, ele ter algo que vai dinamizar aquele local, mas ao mesmo

tempo ele não vai consumir. Acho que essa é a questão que tem que mostrar para os seus alunos como equacionar essas duas coisas.

**Tendo em vista a importância da discussão sobre meio ambiente no campo acadêmico nos últimos anos, qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo?**

R- Acho que a contribuição tem sido grande, principalmente daqueles autores que vem trabalhando o ecoturismo, o turismo rural, o turismo de aventura, eles têm trabalhado muito a tipologia, essas práticas diferentes de turismo, e eu acho que eles têm ajudado a despertar, vamos colocar assim entre aspas, uma consciência nos alunos sobre a questão dos impactos socioambientais do turismo, tanto positivos como negativos. Tenho visto muitos trabalhos, dissertações, ligadas ao ecoturismo, que tem trazido uma série de ideias e pensamentos que eu acho bastante interessante.

**Você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?**

R- Isso aí poxa, sempre vai acontecer, porque hoje, nas aulas de hoje você utiliza um Ipad, de repente pro aluno que precisa consultar um autor que não tá disponível, e você têm em rede de computadores e tablets que eles podem pesquisar. Então, na verdade é, eu acho que as tecnologias que estão fazendo parte do cidadão no dia a dia, elas são extremamente bem-vindas, na minha opinião, que era algo assim que há sete ou oito anos atrás você não tinha essa prática. Assim, no ensino médio, por exemplo, eu posso trazer como experiência, enquanto eu via muito alunos brigando, desculpa, muitos professores brigando por causa do uso celular, eu ficava imaginando maneiras de como servir pra aula, e aí, assim, eu já fiz inclusive uma avaliação que a única fonte de consulta deveria ser por celular. Então, assim, a gente precisa estar atento como essa serie de tecnologias podem ser cativantes, podem ser interessantes e podem ajudar na sua aula.

**Como foi essa avaliação professor? Fiquei curioso.**

R- A avaliação foi assim, peguei um texto, um arquivo em PDF, passei pra todos alunos da sala, e falei pra eles assim: já que vocês gostam tanto de utilizar celular, Ipod, notebook durante as aulas, e muitas vezes estão bem longe do que a gente está discutindo aqui na sala, então, esse arquivo ele vai ser utilizado pra consulta, ele vai ser base pra responder as

questões, só que agora vocês vão poder utilizar exclusivamente o celular, o tablet ou o notebook, nada além disso. E foi assim, o pessoal pediu mais vezes isso.

**Geralmente os alunos tinham esses equipamentos?**

R- Pra não causar nenhum constrangimento. Apesar de que eu sabia o público que eu estava trabalhando, era uma escola particular. Acho que um ou outro, mas assim a gente conseguiu fazer em duplas.

**É, foi uma grande sacada.**

R- Acho que foi assim, já que isso aí é utilizado tanto por vocês, acho que eles podem ser utilizados de uma forma que vai trazer um benefício no ambiente de sala de aula. Agora a gente tem que começar em lições de casa, ou lições na aula, utilizando o celular, sabe, porque você proibir, acho que não tá muito legal essa coisa.

**2º Entrevistado - Professor Daniel Nery**

**A primeira pergunta professor é justamente qual a sua formação?**

R- Bem Paulo, meu nome é Daniel Nery dos Santos, eu sou geógrafo, fiz especialização em Meio Ambiente, mestrado em Meio Ambiente e estou terminando o doutorado em Meio Ambiente.

**A instituição que o senhor estudou?**

UNESP.

**Gostaria de saber os motivos que levaram a escolha de sua profissão professor.**

R- Eu ainda criança, os primeiros dias em sala de aula, eu ficava fascinado pelos meus professores. E, ao longo das aulas, primeira série, fundamental 1, fundamental 2, colegial, eu desde muito cedo eu escolhi esta profissão. Eu achava algo mágico, o professor chegar na sala e transmitir conhecimento, eu achava uma coisa fantástica. Eu sempre quis isso pra mim.

**Sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos lecionou.**

R- Eu comecei em 1991, ensino fundamental e básico. Em 1995 eu entrei pra rede pública, também médio e fundamental, sempre Geografia, e o ano passado eu exonerei, pra me dedicar só a carreira do magistério superior. Hoje eu dou aula aqui na Fatec São Paulo e Fatec Guarulhos.

**Agora a gente entra na parte de meio ambiente e uma pergunta mais ampla. Em sua opinião o que é meio ambiente?**

R- O meio ambiente, na minha concepção, ele tá dividido em duas partes, que é o meio ambiente natural, e o meio ambiente produzido. O meio ambiente produzido é aquele que é desenvolvido pra atender interesses e necessidades das sociedades humanas. Agora, o meio ambiente natural ele tem sido mal interpretado, porque esse meio ambiente natural ele é consequências de interações e processos naturais da Terra. Sendo processos naturais da Terra, eles acontecem naturalmente, com ou sem interferência do homem, essa é minha visão de meio ambiente. Agora essa visão de meio ambiente ela depende muito da percepção de cada pessoa, o que determina essa percepção do meio ambiente são os fatores que moldaram essa concepção, como por exemplo, cultura, política, economia, conhecimento, religião, crença, então o entendimento de meio ambiente depende de cada percepção de cada pessoa, ou ainda mais, dentro de um mundo corporativo dentro de interesses e necessidades de cada empresa.

**Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- A maneira como o turismo através de interesses e necessidades se apropria dos diferentes ambientes naturais da Terra. Então, primeiro, mostrar, explicar para os alunos qual comportamento desses ambientes, de acordo com os processos naturais que estão ali interagindo com o meio ambiente, para que ele possa entender a dinâmica natural do ambiente, em seguida nós entramos numa análise de acordo com a necessidade de cada projeto turístico, nós estudamos o impacto ambiental negativo e positivo no ambiente. Porque é um erro pensar que só existe impacto ambiental negativo. Não. O turismo causa impacto ambiental positivo também: quando melhora uma área, gera renda, melhora a qualidade de vida das pessoas que estão ali, esse é um impacto natural, positivo. Primeiro é feito a análise natural do ambiente, e depois através da intervenção, interesses, necessidade dos projetos turísticos, a gente vai analisar os impactos decorrentes, inclusive com trabalho de campo.

**Eu vou até entrar mais nessa questão professor. Com qual abordagem esses temas são trabalhados?**

R- Primeiro teórica, na sala de aula, estudo de caso, leitura de textos. E depois a prática que é feita em Itu. Lá a gente faz a visita no Parque do Varvito, que era uma antiga mineração hoje é um Parque, depois a gente faz a análise da maneira como se utiliza dos monumentos históricos, no centro da cidade e depois vamos à fazenda de chocolate. Então, no primeiro momento na sala de aula é uma abordagem teórica, com estudo de caso, leitura de textos, e no segundo momento isso é feito em campo, com trabalho de campo.

**Você utiliza algum autor específico em suas aulas como base teórica?**

R- Bastante a Rita de Cássia, bastante. Na Geografia do Turismo.

**Basicamente é isso?**

R- Basicamente é isso. É um suporte bom.

**Quais recursos metodológicos você utiliza em suas aulas?**

R- Bom, lousa e giz, data-show, aula expositiva, pode ter intervenção a qualquer momento, também leituras de texto, interpretações, na maioria das vezes pra casa. De uma semana para outra, com quinze pra ser entregue. Quando é uma atividade, assim, muito técnica, e não é da área do turismo, como é o caso da cartografia, então eu faço em sala de aula, com a presença do professor.

**Como você trabalha o ensino de meio ambiente do ponto de vista prático? Você já até falou um pouquinho sobre visitas técnicas.**

R- Sim, já falei. Através de visitas técnicas. Agora essa questão do ensino do meio ambiente, eu sinto uma certa, não vamos dizer assim uma dificuldade, mas no primeiro momento, os alunos tem uma visão de meio ambiente, em que tudo que o homem toca, causa impacto negativo. Então, a construção desse conceito, de tudo que o homem faz gera impacto negativo, você reconstruir uma outra imagem é um pouco complicado. Porque o aluno passou a vida inteira estudando ou ouvindo em sala de aula, que todas as atividades antrópicas são impactantes, de maneira negativa. Mostrar algo diferente para os alunos é um pouco complicado. Por exemplo, um tema que tá muito em pauta que é a questão do aquecimento global, em que o principal vilão é o monóxido de carbono, atividade antrópica; que na minha concepção isso tá errado, é uma mentira isso, não tá correto. Então, é difícil mostrar o outro

lado para o aluno, no primeiro momento, e depois é mostrar uma outra compreensão, numa outra visão.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo?**

R- Acho muito importante. Inclusive com a nova proposta de grade curricular do Centro Paula Souza, porque lá na Fatec Guarulhos eu dou aula sobre Transporte Aéreo, e na logística e transporte eles tiraram a disciplina de meio ambiente, então parece que vai na contramão. Quando todos estão preocupados com a questão dos impactos das diferentes atividades no meio ambiente, você retira uma disciplina. Então, eu penso que a questão da disciplina do meio ambiente, ela já vem sendo explorada por diversas áreas do conhecimento. Nós temos Meio Ambiente no curso de Medicina, de Direito. Então, eu vejo que a tendência é todos os profissionais, independente da formação, saber pelo menos qual impacto da sua atividade no meio ambiente. Por isso que eu acho muito importante a disciplina de Meio Ambiente.

**Tendo em vista a importância da discussão sobre meio ambiente no campo acadêmico nos últimos anos, qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo?**

R- Bom, fica difícil responder, eu não tenho essa resposta para o curso de Turismo. Agora, na prática, o que isso tem contribuído. Eu vejo que os alunos, no geral, quando o assunto é meio ambiente eles têm bastante interesse, até mesmo porque é mais uma oportunidade de trabalho. Por exemplo, vamos imaginar que um aluno, ao longo de uma faculdade de turismo ele fez um curso de Auditor Ambiental. Então, ele sai da faculdade de Turismo, além da graduação, também como auditor ambiental. Então, para trabalhar com Turismo e com algo a mais, nesse caso como Auditor Ambiental, ele vai levar uma certa vantagem. Até mesmo, eu vejo assim, não dá pra pensar em um ensino, principalmente Turismo, como o nosso caso aqui, porque o turismo ele se dá no espaço, ele se apropria do espaço, então é uma atividade que consome o espaço. Então, é fundamental que ele entenda qual a relação que ele tem com os recursos naturais, é de fundamental importância.

**Última pergunta. Você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?**

R- Bastante. Bastante. Eu quando comecei no Magistério, eu era muito rigoroso. Hoje nem tanto. Mas isso não quer dizer que perdi a disciplina. Mas agora eu vejo o aluno, antes de ser um aluno, é uma pessoa. E talvez pra aquele dia, daquela aula, não esteja no seu melhor dia. Acho fundamental que mudou na minha carreira foi a maneira como eu vejo o aluno hoje. Antes de aluno eu vejo uma pessoa. Então, hoje eu sou um professor mais humano, eu vejo assim, não tanto sistemático, acho que o que mudou foi isso.

### **3º Entrevistado - Professor Luís Alves Brígido Maia**

#### **Qual a sua formação?**

R- Sou bacharel e licenciado em Geografia, pós-graduado, lato-sensu, em psicopedagogia, e pós-graduado, scrictu-sensu, mestrado em geografia.

#### **Tudo pela USP?**

R- Tudo pela USP, menos psicopedagogia, que eu fiz numa faculdade particular como complemento. Mas, graduação e licenciatura pela USP.

#### **Professor fala sobre os motivos que levaram a escolha de sua profissão.**

R- Foi no ensino fundamental, os professores da área de humanas que se destacaram na minha formação. O próprio momento que eu tava vivendo lá em 1983/84. Como corintiano, um pouco da vivência com o Corinthians também, me levou pra esse lado da política, da história e da geografia. No ensino médio, já fui mais pra geografia, por questões trabalhadas em sala, como questão ambiental, qualidade de vida, meio ambiente, questões rurais. Tinha um professor que viajava muito e trabalhava muito isso. E um pouco das questões urbanas, principalmente da zona oeste, favela, lixo, então isso já me levou pra geografia. E o ano que vai me levar pra Geografia, e aí o que vai me levar para a Geografia foi o ano que eu tive serviço militar obrigatório. Uma vez que eu servi, eu acabei fazendo curso pra cabo, e trabalhando com comunicações, e mesmo na parte do batalhão, ajudava a elaborar todos os trabalhos para os acampamentos. E aí eu tive contatos com mapas, bússolas, essa parte mais pratica da geografia, que é conhecer o terreno, que é atuar diretamente no terreno, conhecer o terreno, pra poder combater. Como eu sou combatente de COM, comunicações, uma das perspectivas no curso foi exatamente essa, conhecer o terreno, e aí é questão geográfica, puramente aplicada.

**Muito interessante, como você chegou na geografia, é muita coisa. E a sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos lecionou.**

R- Docência eu já tenho 20 anos. Como docência, boa parte da minha geração é no Estado. Uma vez estudando na USP, estudando manhã e tarde, o que restava era a procurar uma renda como professor, por isso era a facilidade de procurar aula, mesmo sendo aluno do segundo ano, primeiro e segundo ano. A partir daí em escola pública, com alguns colegas já desenvolvia alguns projetos de trabalho. Lá em Carapicuíba desenvolvi um projeto com um colégio sobre Meio Ambiente, em 1993, inclusive, nós montamos uma exposição, a TV cultura foi lá filmar essa exposição, que esse trabalho que os alunos fizeram partiu de um trabalho meu de discutir a questão ambiental no município, principalmente ligado à Lagoa, que eu já tinha feito um trabalho na faculdade. Após isso, também fui chamado pra dar aula em outra escola padrão, e aí nas escolas eu tinha projetos, geralmente, vinculados à visita técnica, e aí sempre com a questão ambiental, de paisagem e de meio ambiente, interpretar a paisagem como pano de fundo. E aí, logo em seguida, fui para as particulares em 1995, 1996, eu já tinha ido antes, e estou até hoje. Na minha formação acadêmica eu privilegiei muito estágio e monitoria na geografia física, principalmente, climatologia e biogeografia, isso serviu e muito na minha formação enquanto professor de geografia, dando uma ênfase muito grande na formação da geografia física. Por mais que eu optei pelo trabalho de conclusão de curso por geografia política, e a partir daí com essa perspectiva de meio ambiente e geografia, inclusive, fiz parte de um grupo de estudos na USP, de um ano, antes de me formar, junto com o professor Wagner, hoje um dos mais renomados dentro da geografia que discute a questão ambiental. Fui para o mestrado pensando em geografia política de uma questão interessante que foi a Amazônia.

**E você deu aula no CEFET?**

R- Eu dei aula nos colégios estaduais, Osasco, Carapicuíba; colégios particulares: Leonardo da Vinci, Anglo, Fernão dias, a faculdade, a antiga FIBE, a própria Fernão Dias, no curso de Turismo. Fui pro CEFET, voltei pro CEFET, agora como IFSP, dando aula no curso de Geografia, inclusive, Educação e Gestão Ambiental na Geografia. E aqui na FMU, eu tô desde 2005.

**E a sua opinião sobre meio ambiente? O que é Meio Ambiente?**

R- Olha, é um termo muito amplo, de acordo com a formação pra quem você faz essa pergunta, obviamente, de acordo com a conceituação, a resposta vai ser direcionada pra formação da pessoa. Eu sou geógrafo, então na perspectiva do geógrafo o meio ambiente, se nós temos o espaço geográfico, ele é composto da sociedade e da natureza o meio ambiente é exatamente o que envolve essa relação. E aí nós vamos ter o problema na geografia, de escala, porque de acordo com a escala que você queira trabalhar a concepção de meio ambiente, vai ser modificada na geografia, por isso que a gente acaba trabalhando e muito com as definições da biologia, de ecossistema, e aí a própria geografia de ecossistema, com alguns professores, pensadores vão propor termos mais precisos pra geografia no meio ambiente. O professor Aziz Ab Saber que na geografia pensou, por exemplo, a questão das paisagens, o Brasil a partir dos domínios morfoclimáticos; ou a teoria dos Geossistemas que vai ter o professor Carlos Augusto Monteiro, que vai discutir muito bem isso, a própria geografia, como sendo uma ciência que busca um aporte em outra de leitura pra poder melhor formar nosso objeto que é o espaço. A gente busca nessas outras um grande apoio, e depois os pensadores começam a formular dentro da geografia nossa própria concepção.

**Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- Olha, depende muito do foco do curso. Geralmente, o foco que a gente tenta trabalhar no Turismo pra poder tentar chamar a atenção do aluno é uma discussão conceitual da geografia, de uma das categorias da geografia importantíssima, que é paisagem. Então, a partir da discussão de paisagem, um professor que trouxe muito bem isso, foi o professor Eduardo Yazigi, a partir do debate sobre paisagem, tem um livro dele importantíssimo, A Alma do Lugar, que ele discuti a questão de Campos do Jordão. A professora Ana Fani, discutindo o não lugar, a partir da paisagem e que isso vai depois do turismo, que a gente pode discutir melhor, bioma, a paisagem é um conceito que eu coloco a frente, a paisagem e território. Já que é Geografia para o Turismo, ou Geografia no Turismo, são dois conceitos, duas categorias do espaço geográfico, que tem tudo a ver com o turismo. E aí é onde nos aproxima e muito na perspectiva política e na perspectiva ambiental.

**Qual a abordagem esses temas são trabalhados?**

R- Olha, paisagem a gente trabalha na abordagem das diferentes leituras, como que a abordagem ela é entendida por diferentes ciências, no primeiro momento. Então, depois discutir com os alunos quais são as paisagens brasileiras, e aí uma ideia de classificação.

Como é que um biólogo classifica os biomas, ou como é que nós temos outras alternativas. Até chegar a proposta do Ab Saber: olha tem propostas de geógrafos que são os domínios morfoclimáticos, que tem uma leitura mais geográfica da questão do clima, do relevo e do solo, que vai fazer toda essa avaliação paisagística do nosso território.

**Você utiliza, utiliza algum autor específico em suas aulas como base teórica?**

**Você falou vários.**

R- Depende muito do foco do curso. Yazigi, Ab Saber, Ana Fani, de Ourix, tem um livro muito bom sobre produção, sobre o fetichismo, que ele faz uma leitura pós-moderna sobre o turismo buscando leituras sobre o objeto de trabalho na perspectiva sociológica, antropológica. Então, a gente utiliza vários autores que consigam dar aos alunos, aí depende muito de como os alunos chegam na universidade, que é outra situação.

**Até abrindo um parêntese, já que fui seu aluno. Eu lembro de um texto, de um professor da USP, o nome do autor começava com U, acho, não me lembro exatamente, sobrenome, nome, eu não me lembro. Ele era muito ácido, fazia críticas à Marilena Chaui, Hobsbawn, aos que ele chamava de marxistas reformistas.**

R- Armen Mamigonian

**Isso.**

R- Armen lembra quando tem uma discussão de geografia mais política, é claro que nós temos várias tendências aí dentro do turismo. E eu tenho um texto do Professor Armen Mamigonian, que é lá dos 90. Mas ele veio bem a calhar para colocar em cheque o neoliberalismo, porque soava muito estranho vários marxistas, até os anos 80, de repente assumirem um discurso pró-status quo, e aí como nós poderíamos mostrar para os alunos dentro de um mundo já globalizado pela perspectiva neoliberal, que de repente nós poderíamos ter uma leitura e perceber que essa globalização está sendo perversa. Isso já dizia o Milton Santos, deixa ver quem pode ser da sociologia, que fala da mundialização, como é o nome dele?

**Otavio Ianni.**

R- Otavio Ianni, Então, já tinha vários nomes com críticas interessantes. O Armen deu nome aos bois, o que outros acadêmicos tinham, não digo um certo pudor, mas um certo polimento acadêmico de fazer a crítica intelectualizada; o Armen era claro: era assim, era

assim, e aí coloca em xeque mate. Então, como a gente pode entender o mundo na perspectiva econômica, globalizante? Se não entendermos como é que alguns acadêmicos mudaram sua concepção.

**Este foi um texto marcante pra mim de lembrar. Quais recursos metodológicos você utiliza em suas aulas?**

R- Olha, os recursos metodológicos, é lembrar, a escolha de textos é fundamental. Trabalhar com turismo e meio ambiente requer uma observação muito grande de que está sendo posto na nossa atualidade. Então, em menos de sete anos nós já passamos de uma discussão de aquecimento global, que era da ordem do dia em vários segmentos de mídia até hoje que tá sendo posto em pauta a questão do desmatamento e a nova lei que vai a regular que é o código florestal. Então, tudo isso, são leituras de autores que independente da década é importante para situar o aluno no conceito, na ideia e tentar fazer, tentar atualizar o debate. Além disso, metodologicamente falando, visita técnica. Aluno de turismo, aluno de meio ambiente, ele tem que sair da sala de aula, se não tiver o mínimo que seja, uma visita técnica que faça com que o aluno saia da sala de aula e ir pra campo e vivenciar uma visita técnica, muito daquilo que o professor fala na sala de aula, dificulta.

**Minha pergunta é justamente isso. Eu queria saber sobre isso. Como você trabalha o ensino de meio ambiente do ponto de vista prático?**

R- No ponto teórico textos, revistas e até mesmo música, vira e meche eu ponho alguma música com abordagem de meio ambiente, Raul Seixas, eu trago a própria MPB, é aquilo que nós fazíamos lá nos anos 90 que nós chamamos de geografia em canção, que a partir de uma música você gera o debate em torno de uma temática proposta. O trabalho de campo, eu vejo como algo essencial dentro da formação acadêmica, só que isso é um problema, conforme aonde nós lecionamos, ou os alunos são trabalhadores e tem dificuldade em pagar a visita técnica, ou às vezes.

**Trabalha de sábado.**

R- Trabalha de sábado. Ou às vezes tem até possibilidade de ir, mas a gente vê que faz corpo mole. Ou realmente como você não pode obrigar, o trabalho fica pra que tem interesse. Mas o trabalho de campo ele é essencial, com um diferencial, trabalho de campo, visita técnica, estudo do meio que são diferentes. Tem que ter um bom planejamento, tem que ter clareza na proposta, e isso na nossa área quem trabalha com meio ambiente é essencial,

porque nem todo professor que tem conhecimento teórico, tem a facilidade de ir a campo e desenvolver em campo as atividades. Isso é questão de formação porque nem todas as universidades formam profissionais que vão atuar na área de meio ambiente que vão ter essa prática, se o profissional for se tornar um professor, vai ter dificuldade nessa prática. E meio assim quem sabe faz ao vivo, parodiando o Fausto Silva, em alguns casos, não adianta, quem sabe faz ao vivo, porque em alguns casos só a teoria fica muito a desejar.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior?**

R- O aluno do ensino superior?

**É, aluno do ensino superior.**

R- Se você pensar em Turismo, a primeira é tentar ampliar conhecimento acadêmico teórico e porque não dizer vários momentos até vislumbrar o cotidiano deles em saber que há nesse cotidiano uma leitura científica. Então, primeiro é dar essa noção pra esse aluno, segundo seria completar um ciclo de aprendizado, ciclo educacional que se inicia lá nos seis anos de idade. Então, se nós levarmos a sério os PCNs desde a criança nos seis anos, quando esse aluno chega no ensino superior, o trabalho de meio ambiente é muito mais fácil, porque na própria formação desse aluno você vai ver dentro da geografia, da biologia, da ciência, toda essa temática sendo trabalhada, o assunto meio ambiente, o conteúdo meio ambiente sendo trabalhado. Ainda há a interdisciplinaridade que é proposta nos PCNs, sem contar que ainda há propostas de transdisciplinaridade. Aqui na faculdade a gente encontraria uns alunos com toda uma bagagem de formação, e aqui seria um aprofundamento interessantíssimo, porque a discussão estaria em nível muito elevado. Só que nós sabemos que toda essa formação não chega, porque os alunos ou chegam de escola pública, que tá sucateada, ou mesmo quando vem de escolas particulares, ou mesmo nas escolas públicas, os conteúdos de geografia física que são importantíssimos, esses conteúdos simplesmente eles não são lecionados, passam batidos por eles. E tudo isso vai colaborar para quando chegar no ensino superior o aluno não saiba sequer nem o que é fuso horário, ou seja, era algo que tinha que ver lá na quinta série, ou no primeiro ensino no médio. Então, de pronta resposta, se houvesse realmente uma proposta de cumprir o PCN, o trabalho do ensino superior seria muito mais fácil o problema é que a avaliação é quantitativa, não é qualitativa, e aí está chegando àquilo que era previsível que todos nós sabemos, os alunos todos mal formados, com pouco conteúdo, e é complicado.

**É uma discussão que nós tivemos bastante na nossa pós-graduação.**

R- Então, a discussão do meio ambiente é essa, o aluno não participa dos debates às vezes, porque a formação, a pouca bagagem que esse aluno vai trazer em vários aspectos, quando chega aqui é um inibidor de dar passos maiores.

**Tendo em vista a importância da discussão sobre meio ambiente no campo acadêmico nos últimos anos, qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo?**

R- A contribuição, sendo objetivo, é dar a noção ou clareza para esses futuros profissionais que ou eles vão trabalhar, ou atuar com ética, ou seja, vislumbrando que ele tem que pensar que nas relações econômicas de produção, capital e trabalho, o meio ambiente é deixado em segundo plano, e muitas vezes isso é proposital, que é a mercadoria que eles exploram para poder criar roteiros, criar os atrativos. E isso tem um preço, tem impactos positivos e negativos, tem um preço, e o preço além dos impactos negativos, pode colocar esse atrativo em risco, em não ser mais um atrativo, e aí o pensamento é em ser só o econômico, e só pensar pelo dinheiro pela lucratividade. Então, se pensar só no lucro, sem ética, então, se dá lucro hoje, amanhã não vai dar mais lucro. É aquela velha situação, o turismólogo, ele tem que ter consciência da importância do trabalho, não só nas agências e operadoras, mas os que também estão atuando na linha de frente, que são monitores, são guias, e esse é o papel de informação como eu tenho. O papel de informação é tão grande quanto do professor, só de estar com um grupo e mostrar que jogar papel em uma trilha é prejudicial, já é importantíssimo na linha de frente.

**Você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?**

R- Sim. As mudanças e concepções eu digo que é o desenvolvimento de leitura e aprimoramento acadêmico, eu jamais posso esquecer o passado que eu tive, e as leituras que eu fiz na minha, no meu bacharelado. E aulas que eu tive com o professor Tarifa, com o professor Felisberto, com o professor Jurandir, com a professora Cleide, mesmo sendo aluno ouvinte, com o professor Aziz Ab Saber, com o professor Conti, ou mesmo Cartografia, com o professor De Biasi, o professor Wagner, geografia de recursos naturais.

**Robert de Moraes, teve aula com ele?**

R- Com o Tônico. A partir daí, vários aspectos das ciências geográficas foram mudando, e as minhas leituras. Meio ambiente é o melhor exemplo disso, se comparar o debate ambiental que nós tínhamos nos anos noventa. Olha, quando eu entrei no debate era em torno da ECO 92, hoje o debate é da Rio mais 20, hoje o debate, pra fazer qualquer leitura, o que foi positivo e o que foi negativo, a minha formação acadêmica.

**Está aí.**

R- Esta aí, a minha formação acadêmica foram várias conquistas, mas a gente sempre achou que poderiam ser mais, mas aí é uma questão, então da sociedade organizada.

**E até porque você faz parte de uma Universidade que colaborou pra essa discussão.**

R- Colaborou e colabora e muito, até mesmo na perspectiva da Geografia Política, da geopolítica. Eu te dou um exemplo, enquanto o mundo inteiro debatia o aquecimento global, poucas eram as vozes contra ou chamando a atenção sobre os exageros do debate. E eu posso te falar uma coisa uma das vozes que chamou a atenção foi o professor Conti, o professor Aziz, o professor Molion lá do nordeste que já gritava que não é bem assim.

#### **4º Entrevistado - Professora Maria Ângela de Abreu Cabianca Marques**

**A primeira pergunta é sobre sua formação. Qual a sua formação?**

R- Eu fiz graduação em Ecologia na UNESP de Rio Claro, depois eu fiz mestrado, a pós graduação também. Mestrado no instituto de Biociências no departamento de ecologia da USP, e o doutorado na Faculdade de Saúde Pública, no departamento de Pós Ambiental.

**E os motivos que levaram, no caso de geografia.**

R- É atração pela área ambiental, eu tenho interesse em estudar e trabalhar.

**Até a formação de Geografia?**

R- A Geografia eu acabei fazendo em função de uma necessidade que eu senti quando eu fiz curso de Ecologia pra trabalhar os ecossistemas de uma maneira geral.

**Sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos lecionou.**

R- Olha, eu trabalhei inicialmente só com pesquisa, comecei fazendo trabalhos de pesquisas científicas, fiz algumas consultorias na área ambiental. E comecei a dar aulas na Anhembi em 2002, vai fazer dez anos que eu dou aula aqui.

**Em sua opinião o que é meio ambiente? Na concepção da sua formação.**

R- O que é Meio Ambiente? Olha, tem uma crítica ampla sobre essa terminologia. Quando eu comecei a estudar na segunda turma de Ecologia da UNESP de Rio Claro, e o curso de graduação do Brasil, talvez o único em graduação em ecologia, bacharelado, e a gente discutia muito essa terminologia que era nova, meio ambiente, parecia uma coisa redundante. Mas o ambiente em geral é tudo aquilo que nos cerca, então, esse conceito é amplo, agora ele é constituído de aspectos físicos, de aspectos biológicos, de interação desses aspectos, e aspectos humanos, então, ele engloba num sentido bem amplo tudo que está ao nosso redor.

**Ok professora. Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- Temas que eu costumo abordar nas minhas aulas. Eu trabalho geografia no curso de Turismo, eu trabalho patrimônio natural no curso de Turismo, trabalho também sustentabilidade turística. Eu também dou aula na Arquitetura no curso de Urbanismo, num aspecto bem no ponto de vista dos aspectos urbanos, que a gente tem o ambiente urbano do ponto de vista físico. E dentro deste escopo aí, todas as áreas ligadas à área ambiental. Trabalho também aqui na Anhembi no curso de Biologia, eu dou uma disciplina de parques e de gerenciamento de recursos naturais. E no curso de Hotelaria eu trabalho em gestão ambiental.

**Outros cursos também além do turismo. Com qual abordagem esses temas são trabalhados?**

R- Dentro destas áreas que eu falei, a gente tem umas disciplinas bem específicas dentro das peculiaridades de cada curso, então a gente tem no curso de geografia.

**Pode falar principalmente os de turismo.**

R- No de turismo, a gente tem desde a concepção da formação do espaço turístico até a compreensão dos aspectos ambientais destes espaços, que é um subsídio importantíssimo pra quem vai trabalhar com turismo. Então, a gente vai decompondo esse

espaço turístico, e entendendo na distribuição do espaço, na geografia mesmo, e depois a gente aborda a questão do espaço natural, do patrimônio natural e a utilização do patrimônio pelo turismo.

**Você utiliza algum autor específico em suas aulas como base teórica?**

R- Vários autores, olha a gente tem desde dos autores clássicos de geografia, como que trabalham especificamente a área de turismo. Então, eu utilizo a Rita Cruz, eu utilizo Pires eu utilizo o Mario Beni, eu utilizo, agora eu preciso lembrar.

**Não, tudo bem.**

R- Eu utilizo Paulo Pires. Então, a gente tem vários autores, como o programa é bem amplo da disciplina, a gente utiliza um enfoque de cada autor dentro da área de aprofundamento de pesquisa dele.

**Quais recursos metodológicos você utiliza em suas aulas?**

R- Eu utilizo aulas teóricas, eu utilizo alguns exercícios, como exercícios de cartografia. A gente pode utilizar o laboratório de planejamento turístico que tem aqui, que tem uma ferramenta, um programa muito importante que é um sistema de informação geográfica. A gente também utiliza visitas técnicas, e isso. Nesse programa desse semestre que tem a disciplina de sustentabilidade turística, eles têm um trabalho produzido desenvolvido com outras matérias de outros semestres interdisciplinar de planejamento turístico de um município. Então, cada turma trabalha um município, faz um diagnóstico do município, do turismo em si.

**Justamente essa questão é a próxima, como você trabalha o ensino de meio ambiente do ponto de vista prático?**

R- Então, a gente, eu tento oferecer ferramentas para os alunos para eles elaborarem um bom diagnóstico ambiental, bem consistente, bem completo, para poder ter recursos para preparar uma avaliação de impactos ambientais, de impactos de turismo, e saber oferecer propostas, e saber alternativas pra um uso sustentável do turismo.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo?**

R- Eu acho fundamental a gente tem um histórico de atividade turística bem comprometedor, então, se a gente quiser desenvolver uma atividade que tenha aspectos sustentáveis, ele precisa desse corpo de conhecimento de meio ambiente.

**E assim, tendo em vista a importância da discussão sobre meio ambiente no campo acadêmico nos últimos anos, qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo?**

R- Eu acho que vem oferecendo principalmente informações sobre o potencial turístico dos diferentes tipos de patrimônio que a gente tem não só o ambiental, mas também de patrimônio histórico, de patrimônio cultural, da utilização desse patrimônio, de formas de produção de espaços turísticos de uma maneira mais racional, mais sustentável, da utilização dos recursos turísticos de forma mais adequada. Então, é do ponto de vista ambiental, que é uma área muito carente em nosso país, não tem um conhecimento amplo e aprofundado do meio ambiente no Brasil, a gente tenta oferecer um pouco desse conhecimento já existente para o aluno de turismo poder trabalhar com essas áreas.

**Você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?**

R- Há muita coisa. Primeiro essa constatação do despreparo dos alunos da graduação. Uma constatação e um alerta pra gente preparar, poder oferecer esse conhecimento pra que o aluno entenda a necessidade dele, valorize isso, e compreenda aquilo que a gente tá tentando ensinar, isso foi um grande aprendizado nesses últimos dez anos aqui de docência. Que mais que você quer saber, da concepção? Em relação ao objeto de estudo?

**Se você mudou o jeito de observar.**

R- Em relação ao objeto de estudo mesmo, ao ambiente não. Acho que a gente já tem constituído não é? E eu acho que amplia esse panorama de locais de destino de natureza, a gente vai conhecendo outras opções também. Mas a dinâmica da natureza, a estrutura da natureza é uma coisa que a gente aprende, e é científico.

## **5º Entrevistado - Professora Letícia Carolina Teixeira Pádua**

**A primeira pergunta é qual a sua formação?**

R- Eu sou geógrafa, bacharel e licenciada em geografia, fiz mestrado em Geografia, e faço doutorado em Geografia.

**E as instituições?**

R- Eu fiz graduação e mestrado na PUC-Minas, em Belo Horizonte, e doutorado eu faço na USP.

**Ok professora. E eu gostaria de saber os motivos que levaram a Geografia.**

R- Geografia, nossa foi muitos. Na verdade a questão de gostar, eu tentei quatro universidades diferentes, e a única que eu não deixei foi geografia. Educação Física, Ciências Sociais, Geologia, na verdade eu gostei de todas, mas eu fiquei com Geografia. Por influência de ensino médio, ensino fundamental, acho que a escolha é essa.

**Sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos lecionou.**

R- Tá, então vai ser longo. Eu vou fazer dez anos de formada esse ano, e eu tenho doze de docência, porque durante dois anos na universidade eu tava lecionando. Mas esses dois anos na universidade foram para fundamental e médio. E o primeiro ano também. A partir disso eu entrei no mestrado e eu lecionei durante oito anos numa universidade em Belo Horizonte, em BH, no curso de Geografia a maior parte do tempo. Mas lá também lecionei no curso de nutrição, turismo e relações internacionais. Um mês desse período eu cheguei a lecionar na PUC-Minas, ligada ao ensino de Geografia, e disciplinas ligadas à Teoria da Geografia, ligadas às áreas de doutoramento. Quando eu vim pra São Paulo eu vim para fazer o doutorado, aí eu fiquei com bolsa de doutorado, e eu estou aqui na UNICID vai fazer um ano no meio do ano.

**Agora eu queria saber em sua opinião o que é meio ambiente?**

R- Na verdade eu trabalho com teoria da geografia, então essa questão não tá fechada pra ninguém, muito menos pra mim. Mas eu diria que na hora que eu trabalho isso no ensino, eu considero o meio ambiente os espaços onde nós temos interações, sejam elas com nós e a natureza, sejam elas, nós com nós mesmos. Eu acho que é aquilo que eu trabalho, acho. Essa questão, o conceito de natureza e conceito de meio ambiente, é um conceito que vou levando, quando eu trabalho essas disciplinas, e que eu não consigo fechar, porque não fecharam isso na história do pensamento.

**Compreendo isso, é só pra ver a concepção dos professores, e por onde vai. Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- Então, como eu te disse a disciplina agora no turismo é de planejamento do turismo, e eu vou abordar especificamente a questão de sustentabilidade turística, e da sustentabilidade, tanto ambiental, como econômica, política financeira e assim por diante. No caso do turismo, eu até já convidei um palestrante que virá para falar sobre interação de turismo com áreas de preservação, sejam elas mais rígidas como Parques Nacionais, ou menos, como as APAS, mais ele virá falar disso. Eu vou reservar duas aulas nesse semestre pra isso.

**Interessante, pra ver justamente o ponto que você vai pegar. Com qual abordagem esses temas são trabalhados? Você fala abordagem teórica? Isso é complicado!**

R- Você fala abordagem teórica?

**Sim.**

R- Você quer complicar não? Eu tento não passar para os alunos a minha tendência teórica. De modo geral eu tento apresentar todos conceitos, eu venho trabalhando todos os conceitos diferentes. Mas a gente acaba querendo ou não passando isso. E eu tenho uma formação de graduação e pós humanista. Trabalho especificamente com percepção geográfica, com ambientalismo, na hora de trabalhar meio ambiente eu acabo trabalhando esses conceitos. Então, eu trabalho esses conceitos, fundamentalmente o humanismo, ou a percepção do meio ambiente, trabalhar com o meio ambiente na forma como as pessoas interagem com meio ambiente, ou seja, a explicação científica por si só não interessa, interessa a interação.

**Você utiliza algum autor específico em suas aulas como base teórica?**

R- Dessa linha de pensamento, eu trabalho com Yi-Fu-Tuan. Porque é um autor mais acessível.

**Pode repetir professora?**

R- Yi-Fu-Tuan. Inclusive aqui eu estudo no meu doutorado. Eu estudo a obra dele. Ele é mais acessível a obra dele, a didática mesmo, digamos que eu os outros são mais filósofos, e ele é uma leitura mais acessível para a maioria dos nossos alunos.

**Desculpa professora, se eu não conseguir achar eu posso te passar um e-mail?**

R- Posso sim, você acha fácil, mas eu vou soletrar: Y-i-F-u-Tuan. Acha fácil.

**E assim, os recursos metodológicos que a senhora utiliza em suas aulas?**

R- Olha, também tento variar o máximo possível dentro dos limites que a gente tem. Mas, dentro da perspectiva que eu tenho é fundamental o trabalho de campo, não precisa ser necessariamente um trabalho de campo lá num Parque Nacional, aqui mesmo a gente consegue desenvolver várias atividades. A gente foi num bairro próximo, chamado Vila Zelina, a gente desenvolve atividades culturais, percepção de cultura, percepção de meio ambiente.

**Eu vou entrar, a minha próxima questão é justamente sobre o ponto de vista prático. Que é justamente o que você tá falando, que é visita técnica, não é?**

R- É, uso quadro e saliva que é o fundamental do professor, PowerPoint, que preparo em casa, e uso muito técnica de mapa mental, psicologia comportamentalista, que daí a gente tira a percepção que os próprios alunos têm de meio ambiente.

**Então a questão do ponto visita prático que você trabalha são as visitas técnicas?**

R- Sobretudo ir a campo. Na verdade todas as minhas aulas tem uma atividade prática, um exercício, que se relaciona com a aula que eu dei naquele dia, então, às vezes eu passei mapa mental, interpretação de mapa mental, representação de paisagem, através de foto, exercício de descrição.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo?**

R- Olha, eu acho que Turismólogo, o profissional do turismo, o profissional tem de assumir pra si, eu não sei se isso tem acontecido, mas tem que acontecer mais, na minha opinião. Ele que assumir pra si um compromisso ético, e não ficar só única e exclusivamente na prática turística; e pensar se eu to levando o turismo para quem e porque. Acontece muito no Brasil, principalmente em cidades médias e pequenas o turismo chega e expulsa a

população local. Eu brinco que em Porto Seguro, que você não conhece um “portosegurense” nunca. Pois, nesse tipo de compromisso com essa abordagem ambiental, tem o compromisso com a natureza, com o desenvolvimento de práticas menos agressivas, e com as populações locais, sejam elas pequenas, sejam elas população quilombolas, ribeirinhas, ou população de um bairro. Enfim, então a gente quando leva o desenvolvimento, a gente, na minha opinião, tem que levar práticas assim. Então, o turismólogo, acho que com essas disciplinas pelo menos ele vai ter uma visão e pode e deve ter compromisso, e como ter compromisso social.

**E para o curso de Turismo, qual a importância da discussão sobre meio ambiente no campo acadêmico nos últimos anos, qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo?**

R- A mesma contribuição do curso é a mesma para o aluno. O turismo tem que ser pensado de uma forma mais consciente em termos ambientais, sociais. Eu estou levando o turismo pra quem? E eu acho o curso de turismo, na verdade quando ele foi fundado ele foi fundado pra atender uma demanda técnica e organizacional, e que depois ele percebeu, na verdade eu não sei se precisa fazer curso superior de turismo pra vender passagem aérea. Então, há uma demanda ainda não atendida pra planejamento, pra turismo, pra organizar turismo, pra gestão do turismo, pra desenvolvimento junto de prefeituras, pequenas e médias prefeituras, órgão governamentais, e que não é atendido. Isso é o que eu acho que essas disciplinas colaboram, eu acho.

**Você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?**

R- Muito. Mas não sei se em relação ao meio ambiente e o turismo. Acho que não especificamente essas duas áreas. Acho que nos últimos dez anos tem tido um campo fértil de mudanças epistemológicas absorvendo muito cultura, que abrange a geografia cultural, que inclusive abrange a geografia que eu trabalhei originalmente. Acho que quando a gente é estudante, principalmente na geografia, tende a ser marxista, por que você acha que vai mudar o mundo porque a sociedade devia ser daquele jeito. Ao longo do tempo eu fui compreendendo falhas, problemas, embora, ainda tenha certa admiração. Mas eu acho que ao absorver esses novos paradigmas teóricos, você também muda dentro da sala de aula, tudo bem, por exemplo, trabalhar com mapa mental, não fazia sentido pra mim antes, mas agora é fundamental pra minha prática.

## **6º Entrevistado - Professor Sidnei Raimundo**

**Professor a primeira pergunta, sobre a sua formação. Gostaria que o senhor falasse sobre sua formação.**

R- Eu sou geógrafo de formação, estudei aqui na FFLCH da USP, fiz o mestrado ali também, fiz o mestrado em Geografia Física. Trabalhei no mestrado em manejo de áreas protegidas, como que o caiçara, eu estudei em Pincinguaba, lá em Ubatuba, como que os caiçaras eram afetados ali pelo Parque, pelo turismo. E o Doutorado eu fiz no Instituto de Geociências da Unicamp, também com a mesma temática, manejo de áreas protegidas, e a relação entre a expansão das residências secundárias das atividades turísticas sobre o Parque, sobre o Núcleo Pincinguaba, e também sobre a cultura caiçara. Uma proposta de uso ali, tentando conciliar o anseio e interesses destes três grandes atores. A indústria do turismo, ou o setor turístico, o pessoal do Parque e a comunidade caiçara.

**Tem até um grupo quilombola, tem também indígena?**

R- Lá na Pincinguaba? Tem. Tem na Almada, na Almada não. Tem no Camburí, e eles também tão pleiteando ser uma comunidade quilombola, o bairro do sertão da Fazenda.

**A praia da fazenda?**

R- Não na praia, o sertão que divide ali, tem o trecho voltado pro mar, e o sertão é mais interiorizado do lado da BR.

**Coincidentemente eu estive lá uns tempos desses, e conheci esse pedaço. Tem também Prumirim, que tem uma praia, que tem uma comunidade Indígena.**

Em Prumirim tem?

**Tem.**

R- É no sertão, não na praia.

**Tem uma trilha que liga lá.**

R- Mais maluco que tenha sido, foi uma minissérie da Globo, cenário da Globo. A Globo fez uma minissérie lá, não sei se foi Hans Staden, algumas dessas séries que tratam do período colonial brasileiro, foi filmado lá. Eles fizeram uma vila cenográfica, e depois que eles foram embora a vila permaneceu e foi ocupada por uma comunidade indígena.

**Eu não me lembro o nome, mas lembro razoavelmente sim. Então é isso professor, mestrado e doutorado?**

R- Doutorado foi na Unicamp na unidade que se chama Instituto de Geociências. Eu trabalhei também dezesseis anos no Instituto Florestal, que é o órgão da Secretaria de Meio Ambiente, que trabalha com manejo de Parques, Estações Ecológicas, e outras Unidades de conservação. E antes de vir pra cá também lecionei em algumas instituições de Ensino Superior privado, SENAC, Anhembi Morumbi, Rio Branco, a Faculdade da Rio Branco e a Cásper Líbero.

**Gostaria de saber os motivos que levaram a escolha de sua profissão.**

R- De Geógrafo e as ligadas a Meio Ambiente?

**Pode falar as duas.**

R- De Geografia sempre teve na minha veia. Eu quando era moleque recém-alfabetizado, eu ganhei um atlas da minha tia, não era um atlas, era uma enciclopédia de Geografia de cinco volumes ricamente ilustrado, cheio de mapas, e eu ficava fascinado folheando aquilo, mal sabia e era leigo ainda, e ficava maravilhado. E a partir daí a Geografia esteve na minha vida de alguma maneira. Pra você ter uma ideia eu fiz colegial técnico, no SENAI lá de Osasco, eu fiz técnico em mecânica. E é uma coisa bastante técnica, como diz o nome, voltada pra mecânica, etc, e era período integral. Só pra você ter uma ideia na parte da manhã a gente tinha aulas técnicas de laboratório, e a tarde era do ciclo básico. E a parte da tarde é o que a gente chamava de ciclo básico que eram as disciplinas do ciclo, Geografia, História, Língua Portuguesa, etc. Eu lembro que a gente, num dos períodos, a aula de Geografia era a última aula da sexta-feira, à tarde assim, o pessoal cabulava, gazeteava direto a aula. Ia para as disciplinas da manhã, cursava lá as disciplinas técnicas, e depois alguns já iam embora, sexta-feira. Às vezes eu cabulava as aulas, ia lá com eles pra algum lugar, mas dava a hora da aula da Geografia eu descabulava, você acredita numa coisa dessas?

**Ia no fliperama.**

R- Saia, ia no fliperama, e voltava pra aula. E voltava pra aula. Tanto é que eu prestei o vestibular pra Geografia, não aqui na PUC, USP, na São Francisco, lá no Pari, como eu passei na USP nem fui atrás das outras. E essa questão ambiental dentro do curso de Geografia, porque Geografia é um curso bastante amplo, te permite uma abordagem da relação sociedade/natureza, a espacialidade dos fenômenos é bem interessante. Mas eu

poderia tá atuando em qualquer outro campo. Tem gente que trabalha, quero dizer a questão ambiental ela pode estar na cidade, no urbano, etc. Agora, eu fiz três ou quatro estágios durante a graduação. E o último estágio foi na Secretaria do meio Ambiente. E aí eu fui picado pelo bichinho de trabalhar em áreas protegidas e manejo dessas áreas. Eu me formei na graduação e praticamente depois eu já ingressei na Secretaria do Meio Ambiente, no Instituto Florestal, num setor de manejo dessas áreas, no litoral sul, trabalhava com a Juréia, com a Ilha do Cardoso, etc. Daí lá eu fiquei nesse instituto e ampliou as coisas, o início foi por causa de um estágio, e na verdade o estágio foi por causa de uma disciplina do curso de Geografia. Disciplina de Biogeografia, acho que foi de Climatologia, a gente foi fazer um trabalho de campo lá na Ilha Anchieta. Não sei se você conhece?

### **É em Ubatuba?**

É em Ubatuba no litoral norte. E eu fiquei maravilhado. Era janeiro, tinha tido greve aqui na USP. A gente não teria aula, aí encavalou tudo no final do ano. Só pra você ver teve aula em dezembro em janeiro, então a gente foi pra lá em janeiro, um verão maravilhoso, e eu fiquei embasbacado com a beleza daquele lugar. O lugar é lindo. Aí conversando com as pessoas que trabalhavam lá, até com os guardas, com o pessoal do operacional, daí eles falaram: olha por que você não tenta um estágio lá na Secretaria? Ai, voltei pra São Paulo, e uma das primeiras coisas que eu fiz foi ir à FUNDAP, me credenciar ali, me cadastrar lá pra um estágio na Secretaria do Meio Ambiente, e aí pronto as coisas começaram a se estreitar. Dentro da Geografia, nessa visão mais geral, e depois no Instituto nessas áreas protegidas.

**Sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fale em quais instituições, disciplinas e cursos lecionou.**

R- Do Ensino Superior ou desde o ensino médio?

**Pode ser desde o ensino médio.**

R- Eu tive uma experiência profissional no Ensino Médio ainda como estudante, eu fazia alguns estágios, mas estágio pagava uma miséria, e pra juntar uma grana melhor eu dava aula de Geografia. Eu acho que pela primeira vez, se não me falhe a memória, a minha graduação foi de 1986 a 1990, acho que no terceiro ano, lá pra 88, 1998, eu sou de Osasco, aí a escola que eu estudei, fundamental, primeiro grau.

**Professor, agora, essa parte ela é sobre Meio Ambiente, é mais abrangente. Eu queria saber a sua opinião sobre Meio Ambiente, as suas concepções, o que é ambiente?**

R- Ambiente ou Meio Ambiente?

**Meio ambiente, desculpa professor.**

R- São sinônimos sabia? E nesse aspecto alguns podem confundir com a ideia ligada à natureza, uma natureza mais preservada, a Amazônia. A concepção que eu trabalho com os meus alunos é que o Meio Ambiente é o suporte onde se expressa a vida silvestre, e pode ser a Amazônia, o ambiente mais natural, mas é muito mais amplo que isso, é onde se expressa também a vida humana, e nesse sentido uma cidade como a nossa aqui, São Paulo é um meio ambiente. A ideia de meio ambiente, são as relações, o suporte onde a biosfera se assenta, e nesse sentido a própria biosfera faz parte dele. Se a gente separar sociedade de natureza, a gente pode dizer que essa biosfera é meio ambiente, mas a ideia de meio ambiente como suporte da vida, ela é melhor. Eu preciso ver dessa maneira que daí essas ideias podem ser aplicadas no ambiente urbano, rural. Tudo é meio ambiente.

**Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- A gente enfoca muito nessa questão de impactos. E pra falar de meio ambiente, na verdade sempre vai ser impactos negativos, porque obrigatoriamente é uma intervenção de um equipamento ou de uma atividade turística nesses locais. Então, a gente pode falar que impactos tem um lado positivo, mas todas as facetas ligadas às questões positivas estão associadas a sociedade, geração de emprego, renda, melhoria da qualidade de vida. A introdução de um equipamento no meio ambiente é um algo a mais, um elemento a mais, e uma descaracterização ambiental, então, se a gente entender as questões de impactos ambientais, ou algo mais amplo, é lógico que ele vai ter um aspecto positivo e negativo, mas quando a gente discute e trabalha a ideia de meio ambiente como suporte dessas interferências, essas interferências serão negativas.

**A atividade antrópica sempre vai pender mais para um lado, o homem.**

R- Pra isso tem todo um conjunto de procedimentos pra minimizar impactos. Impacto vai acontecer, mais pelo menos para minimizá-los. Se não der pra eliminá-los, pelo menos vai reduzir. É essa abordagem que a gente tem trabalhado nos cursos e é nesse sentido

que as questões ambientais apareceram no turismo. Se você pensar que tem alguns segmentos como ecoturismo. Ecoturismo é algo que vem se consolidando, principalmente, a partir da década de oitenta pra cá. O termo ecoturismo foi pensado por Ceballos Lascuráin, não sei se você já leu ou ouviu falar, que é um mexicano que pela primeira vez inventou o termo ecoturismo, e de lá pra cá falam, discutem-se muito a segmentação daqueles que querem reencontrar a natureza, visitar a natureza. Mas o meio ambiente sempre fez parte, ou a natureza. Mas a natureza sempre fez parte das questões que envolvem Turismo. Se você pensar numa paisagem, as pessoas viajam pra conhecer paisagem, pra interagir com paisagens, trocas naturais, mas também com paisagens diferentes, e essas paisagens tem no seu bojo a ideia de ambiente. Qual ambiente que tá sendo visitado? Sempre foi necessário e importante ver uma discussão sobre o que é o ambiente, e nos cursos de Turismo de certo maneira, antes da questão de impactos, ele vinha sendo trabalhado nesse olhar do planejamento, da paisagem, essa paisagem, esse conjunto de características, esse conjunto antrópico, quero dizer, o ambiente, o meio ambiente daquele local tem vocação, é propício para essa segmentação de turismo, etc. Nos anos setenta, oitenta pra cá, ele adquiriu, ele não elimina isso, continua sendo pensado nas atividades ligadas a turismo, mas daí incorpora as questões ambientais ligadas à impactos, à necessidade de planejamento agora que considere o ambiente nos seus limites, nas suas características, nas suas fragilidades, suas vulnerabilidades. O marco é em turismo, os primeiros livros que tratam disso é o Hall, se não me falhe a memória, tem um artigo que eu escrevi sobre turismo sustentável numa revista mexicana, que até eu discuto um pouquinho isso. Eu te mando, mas o marco é essa virada dos setenta pro oitenta, quando se começa a falar do termo turismo sustentável, por exemplo, ele foi cunhado numa reunião da OMT no norte da África, na Argélia, 1989, dois anos depois do Relatório Brundtland, sabe o Relatório Brundtland?

**Sim.**

R- Que publicou o Nosso futuro comum que difundiu o termo desenvolvimento sustentável. E de certa maneira, todo mundo que foi sensível àquela causa, que reconheceu aquilo como algo interessante levou pra suas atividades. Aí o pessoal da agricultura começou a falar de agricultura sustentável, o pessoal da economia começou a falar de economia sustentável, e o pessoal do turismo incorporando essas ideias começa a se falar de turismo sustentável. E aí o ambiente é visto não só mais como potencialidade, qual é a vocação da área pra uma determinada segmentação turística? Mas agora ele é visto também perto da

fragilidade, qual o nível de interferência que a gente pode ter ali, pra evitar os impactos. E no Brasil talvez o primeiro livro é da Doris Ruschmann, aquele de capa verde, quer ver tem um aqui. Aquele Turismo e Planejamento Sustentável, a primeira edição dele acho que é de 96.

**Eu cheguei, na faculdade, a ler.**

R- E quando o ambiente ganha força e esse viés das fragilidades, temos que respeitar os limites da natureza.

**Professor, se puder eu quero seu artigo, até para utilizar no meu trabalho, como base. Até é interessante.**

R- Eu te passo. Tem aqui na biblioteca da EACH, pode ir lá consultar e pegar. É um capítulo de livro, o pessoal da Universidade de Toluca no México, chama “En torno Del turismo” , quer dizer o que acontece em volta do turismo. Não em volta fora do turismo, ao redor, ali, o que está gravitando dentro dessa coisa chamada turismo. Tem um trabalhinho sobre turismo sustentável.

**Ah, interessante. Eu acho assim que 68, a década de 60 tem um peso muito grande, professor, para questão o desenvolvimento, na questão de discutir a ecologia, no ponto de vista, eu não sei se eu percebi, mas a questão do consumismo também envolve, é diferente um pouco.**

R- No Japão tem um caso emblemático que é a poluição da baía de Minamata. Não sei se você já ouviu falar. A indústria que tinha ali, o esgoto dela era mercúrio. Jogava no mar, ali, os peixes se alimentavam, ficavam com mercúrio. A comunidade começou a ter deformações por conta disso. Em 61 eu acho que a empresa lá de Minamata reconhece que ela era a causadora daquilo, daqueles problemas. Tem um livro emblemático de 1962 de uma bióloga e jornalista chamada Raquel Carson, chamado “Primavera Silenciosa” que ela discute porque que as primaveras estão silenciosas. Na abordagem do livro é porque está se usando muito agrotóxico no campo, a passarinhada “tá” comendo estes alimentos com agrotóxicos e estão morrendo. Então, as primaveras estão cada vez mais silenciosas, ou seja, menos passarinhos cantando. Na verdade, com esse título, ela começa a dar uma paulada na indústria de agrotóxicos e nessa relação de descaso com o meio ambiente. Vai jogando, ai vem ao longo da década de 60 a guerra do Vietnã, os Estados Unidos jogando desfolhantes, Napalm, na floresta. Desfolhantes para ver o Vietcong lá embaixo.

**Dizem que, alguns desses equipamentos de guerra, que detonam a natureza, os caras já pensaram, até Al Gore. Minha esposa se formou em história, um dos professores dela disse que em uma conferência eles disseram “estamos desenvolvendo uma bomba que não afeta o meio ambiente”, algo do tipo.**

R- Uma bomba de nêutrons. A década de 60 foi um fervilhar de novas ideias, de revoluções. E entre elas, jogando estas questões ambientais motiva a ONU a contratar primeiro o relatório Middles, lá que vai ser do MIT, que vai apresentar aquele primeiro documento, o regimento zero, segundo este documento que foi chamado também de Clube de Roma. Diz este documento que se a gente continuar a usar o ambiente dessa maneira de hoje, década de 70, até cem anos, o mundo vai acabar. Então isso causou um frisson, porque o pessoal do MIT, de Massachussets, a ONU que contratou. Motivou a ONU a convocar a primeira reunião das Nações Unidas lá em Estocolmo, Estocolmo 72 foi discutido como a gente pode conciliar, crescimento, progresso, desenvolvimento econômico com ambiente, conservação da natureza. E de lá pra cá vem vindo.

#### **Vai ter a Rio mais 20 agora**

R- Vai ter a Rio mais 20, agora, daqui a três meses, enfim, a coisa está pululando. O problema é que às vezes inventam-se nomes novos para coisas velhas. Se você pegar o manifesto do turismo de aventura, você já viu? Se você quiser eu te mando. Têm lá quais são as premissas do turismo; desculpa turismo de aventura não, turismo de experiência. Em 2010 teve até um congresso aqui em São Paulo, lá no SENAC, trouxeram o pessoal de fora, para discutir o que é esse negócio essa coisa, não como business, negócio, o que é essa atividade chamada turismo de experiência. Se você pegar as premissas do turismo de experiência, são as mesmas do turismo sustentável, coisas que se discutiam na Argélia em 1989.

**Um amigo meu agora na pós, ele também trabalha com meio ambiente, ele falou sobre educação experiencial.**

R- É a coqueluche do momento. Eu não discordo dela, tem que ser.

**Tem um educador o Freinet que já trabalhava isso, eu descobri há pouco tempo. E ele também tem ficado, está um pouco de modismo hoje.**

R- Então, dá-se um nome novo pra uma coisa que já vem se discutindo, talvez porque, lá vem aquele cara discutir turismo sustentável, e alguns vão dizer que é utópico, dentro do modelo capitalista, é difícil porque o grande calcanhar de aquiles do turismo

sustentável é essa perna econômica. Ignacy Sachs que é um dos teóricos do desenvolvimento sustentável, de sustentabilidade ele disse que a sustentabilidade é melhor não querer conceituá-la, é melhor pensá-la como dimensões como princípios, ele elenca oito dimensões, ambiental, a natural, natural é na natureza, Amazônia, Deserto do Saara; e o ambiental tá em todo canto como uma cidade como São Paulo, de ordem cultural, social, econômica, territorial, política nacional e política internacional. São oito tipos de dimensões que você precisa olhar como elas estão articuladas pra ver se a atividade é sustentável ou não. Só que tem essa perninha ou dimensão econômica, e dentro da lógica capitalista é muito difícil você querer que o cara reduza lucro, e tenha uma taxa de retorno de investimento com prazo mais espichado, pra poder contemplar as outras dimensões, aí alguém pode falar que é utópico. Se não fizer alguma coisa nessa perna, os próprios economistas tem trabalhado isso, pessoal da economia da UNICAMP são os grandes, com economia verde, economia ecológica, o pessoal do Seroa da Mota, os artigos do Seroa da Mota, do Ademar Romero, são os teóricos da economia ambiental que são outra lógica de trabalhar.

**Interessante, estou aprendendo bastante com esta entrevista. Com qual abordagem esses temas são trabalhados? Tema de impacto.**

R- A disciplina que eu leciono, ela chama Lazer, Turismo e Meio Ambiente, e ela é oferecida no semestre que vem. No quarto semestre. O pessoal do segundo ano, calourada, já tão indo pro meio do curso. E a gente parte de um geral para o particular, essa relação de sociedade e natureza, essa relação de sociedade e meio. A abordagem mais geral, que a gente trabalha, primeiro é entender como que a sociedade encara o meio ambiente, encara a natureza. Então, tem uns livros que ao longo da história a sociedade viu a natureza, como era a natureza na antiguidade, a natureza na idade média, na idade moderna e dentro do capitalismo. Então, tem um apanhado aí geral, e como que essas relações vão mudando, até ideais judaico-cristãs, mitos do paraíso perdido, a gente discute no primeiro bloco. Boa parte dos entendimentos da natureza que o turismo se apropria muito deles é algo que foi construído lá atrás, no momento. Essa ideia mesmo, mais difundida aí de paraíso perdido, você vai pra uma área com baixa interferência humana, todo mundo chama aquilo de paraíso, de santuário, e é o que fazia parte do imaginário medieval.

**Tem bastante isso em artigos de turismo, guias de turismo.**

R- Então, essa questão de como essa relação se situa hoje, a gente faz esse apanhado, a discussão de como a sociedade vê o meio ambiente. Seja hoje, compreendendo o

mundo ocidental, mas também desse passado, desde a antiguidade. Aí a gente entra na ideia de sustentabilidade. Porque que precisa, inventou-se a sustentabilidade. Qual que é a relação que permeava, principalmente, do capitalismo de encarar os recursos de infinitos e inesgotáveis, mas que precisa vir alguém, que não é o carro-chefe, mas um bando de loucos, que começam a pensar de uma maneira diferente, e vai ganhando força e chamar de sustentável. Os franceses preferem chamar de “durable”. Mas é a mesma coisa, “turismo durable”, não sei se você já ouviu falar disso, mas é a mesma coisa. Tem umas coisinhas diferentes, mas em linhas gerais é a mesma coisa. Então, a gente discute nesse segundo momento como que a atividade turística fica dentro desses olhares, de natureza e sociedade, como que a sustentabilidade entra nisso, e aí sim a ideia de impactos, como impactou os lugares, como do Krippendorf, os Devoradores de Lugares, de paisagens, já leu?

#### **Já li o mais clássico dele.**

R- E aí vamos discutir aquele turismo de massa, o turismo dos “s”, sand, sea, etc, esse turismo que se apropriava, que leva toda essa herança de como a sociedade encarava o ambiente, pra depois entrar na ideia de sustentabilidade como contraponto, como novo paradigma, como quiserem, trabalhar essa ideia de impactos, como minimizar os impactos. Aí a gente já afunila um pouco pro meio do final do curso, porque na grade não tem a disciplina ecoturismo, então a gente trabalha em comum acordo com outros professores uns caminhos pedagógicos de trabalhar um pouco da segmentação focada na natureza. Ahamos por bem discutirmos, ficar na minha disciplina. Então, da metade pro fim, considerando todas essas questões de sustentabilidade, a gente começa, foca áreas protegidas. Lazer e turismo em áreas protegidas, aí a gente vai falar de manejo, vai falar.

#### **A sua especialidade.**

R- Técnicas de minimizar impactos, capacidade de carga, não sei se você já viu essa sopa de letrinhas que tem, a gente discute interpretação ambiental e por aí vai. Eu vou até reformular pra seguir um livro mais recente de interpretação ambiental, essas adaptações, atualizações. Aí por fim acabo por aí.

#### **Tem alguns autores específicos em suas aulas como base pra suas aulas?**

R- Pra discutir a relação sociedade e natureza esse olhar geral, tem esse aqui da Luiza Neide Coriolano, do turismo, relação sociedade e natureza, é uma das referencias; tem um livro do... O que é natureza, de um professor aqui da EACH, pra discutir esse primeiro; aí

o segundo bloco, que a gente vai discutir a sustentabilidade, é um livro da sustentabilidade, Peter Murphy, que tá nesse meio, que é Turismo Global; e do Molina, Turismo e Ecologia, em um capítulo que ele discute sustentabilidade. Daí eu passo pra eles a ideia de Unidades de Conservação, daí eu uso a Marta Irving, que fala um pouco das Unidades de Conservação no Brasil, pra discutir o que são áreas protegidas, e como o lazer e o turismo entra nisso. E aí termina com a capacidade de carga, técnicas, eu gosto bastante do termo do Chan Han, interpretação ambiental, e têm esses daqui eu gosto bastante, Stephen Wearing, John Neil, Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades. Então, essa é a bibliografia do curso. Mas você pode pegar na pagina da EACH, fazer o download.

**Interessante, vou dar uma olhada, até pra ver a cara do livro. Quais recursos metodológicos você utiliza em suas aulas?**

R- A dinâmica na sala de aula. A gente tem quatro horas, então eu evito dar aula expositiva, porque é muito cansativo, pra eles e pra mim. Então, eu sempre tento dar metade da aula, se tiver uma aula expositiva, eu até falo pra eles: é aula expositiva dialogada. Eles pressupõem a leitura do texto para aquela aula, e eu vou jogando perguntas pra eles, baseado em uma transparência, uma questão ou outra a gente vai discutindo, vai trabalhando o conceito, uma transparência, uma grande questão, o que é sustentabilidade. Daí eu peço pra eles a partir do texto tentarem responder; daí a segunda transparência, às vezes não tem uma transparência, ou tem uma transparência explicativa da minha leitura, daí a gente discute. Mas a outra parte da aula é muita atividade prática, a gente tem um trabalho semestral, que é um trabalho construído ao longo do semestre, eles têm que fazer um manejo de uma área que eles escolheram.

**Eu ia entrar na minha outra pergunta que é justamente sobre o ponto de vista prático? Daí o Sr. continua.**

R- Esse trabalho semestral, desde o primeiro dia na sala de aula, que eles recebem informação que eles têm que fazer até o último dia da entrega. Mas a gente tem aulas de orientação pra esses trabalhos. Então, a gente divide em grupo de quatro cinco pessoas, eles escolhem uma área, o que eles quiserem fazer, uma área que eles querem fazer, e aí a proposta é fazer baseado na bibliografia, a medida de que a gente vai avançando, por exemplo, discutindo a relação sociedade/natureza, vai falar com o gestor daquela área. À medida que eles vão fazendo, por exemplo, o cara escolhe o Pico do Jaraguá, daí eles vão conversar, e ver como estão as atividades, qual a relação do gestor com a natureza, começando a discutir a

relação sociedade e natureza, daí ele vai ver das atividades, daí ele vai ver as ideias, quais são mais próximas, se tem tudo a ver com sustentabilidade, quais estão mais afastadas, se tem a ver com os ideais de sustentabilidade, aí ele vai depois com interpretação ambiental, lá pras técnicas de capacidade de carga, daí ele vê se algumas destas técnicas estão sendo aplicadas na área, daí ele analisa, se não tem, ele faz uma proposta pra ter, esse é o trabalho semestral. Além disso, tem a visita técnica, a gente costuma ir. Esse final de semana, por conta de uma visita técnica, a gente vai pra Santa Catarina numa destinação de turismo rural. É uma outra disciplina, é lógico que tem haver com meio ambiente, mas essa é uma disciplina que se chama Abordagem Geográfica de Lazer e Turismo. Agora no segundo semestre quando eu ofereço essa disciplina, a gente vai pra um parque, passa o final de semana, discutindo o uso público, como é que são as atividades nessa área, a gente vai pra Cantareira, quando não tem muito recurso pra viajar, o ônibus quebra, a gente vai pra Cantareira. A gente foi pra Ilha do Cardoso no semestre passado.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo? Como o Sr. vê?**

R- Dentro da grade ela está caracterizada como uma disciplina base, introdutória. Ela, a partir dos conhecimentos que ele adquire nesta disciplina ele vai avançar nas disciplinas mais duras, vamos dizer assim, porque o curso aqui da EACH ele tem duas vertentes bastante fortes: a de lazer que não está associado a viajar, a querer ficar 24hrs fora; é o cara no seu tempo livre tendo a sua folga no seu tempo livre querendo descansar, se divertir, como que, não necessariamente viajar; e a vertente do Turismo que acho que é o que você mais trabalhou, que é o cara que vai pra fora, vai ter meio de hospedagem, alimentos e bebidas, enfim, esses são os dois carros-chefes. E depois o aluno vai gravitando, tem as obrigatórias nos dois, mas depois ele vai escolhendo e vai direcionando o curso dele. E a minha disciplina tá numa posição de primeiro e segundo ano, mais ainda, vamos dizer assim, básica, de elementos que não é so lazer e turismo, mas elementos pra ele pensar as próprias atividades dele. Eu penso naquelas discussões com alunos mais veteranos, que aquelas discussões que tiveram lá no segundo ano serviram, foram base pra discussão, pra essa área mais dura, vamos dizer assim de lazer e turismo. Ela está na grade e ela é encarada como base.

**Eu ia perguntar também, a contribuição para o curso de turismo?**

R- É curioso que as questões ambientais estão no cenário e são super importantes, mas dentro do curso, de um planejamento. Ela entra como algo importante, e aí sempre tem

alunos que vem conversar sobre alguma questão ambiental, como que ele trabalha lá no TCC, no projeto dele. Mas na composição na grade ela ficou com essa pecha de ser base. Eu não encaro ela como base, aqui no curso ela tem estrutura, mas eu não encaro como base, porque qualquer atividade deles vai ter que ter uma interface, uma dissolução da componente ambiental, e ele teve lá atrás no segundo ano, e vai ter que recuperar, e nesse sentido eu acho que é fundamental, tem que puxar a brasa pra minha sardinha.

**Com certeza. Uma última pergunta professor, você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira? Eu queria que o senhor encerrasse com isso.**

R- Mudança. Olha, eu dou há tanto essa disciplina aqui na EACH, e é a mesma, mudo a bibliografia, o que eu mudo a cada ano. Chega sempre um livro novo eu passo os olhos e se é interessante é legal pôr um livro a mais, atual. Têm os clássicos, esse aqui Topofolia tem que ser trabalhado, é o clássico. Mas a atualidade é importante, então, sempre vai ter algo novo na bibliografia. A parte de avaliação eu mudo muito pouco. Qual é a avaliação? Cada tópico que eu te falei, são quatro grandes tópicos: a história da relação sociedade e natureza, turismo sustentável, turismo em Unidades de Conservação e as técnicas do manejo, em cada final de cada bloco, eles fazem um trabalho final em cada dupla, ou em trio, no máximo sobre uma questão geral daqui, a gente não entra no próximo módulo, sem ter feito um trabalho sobre aquele tema discutido. Tem o trabalho semestral, então, são três ou quatro trabalhos em dupla, é o trabalho semestral, é o relatório de visita técnica, e no final de tudo ainda tem uma prova individual. É a única forma de avaliação individual que é, por que o meio ambiente é uma pergunta genérica, por que o meio ambiente é importante para o lazer e turismo, então o estudante tem oportunidade de escrever tudo o que ele acha que é importante. Então, as formas de avaliação. Eu acho que tá funcionando bem. Acho que uns quatro anos que tenho feito dessa maneira, e não mudou, e os alunos acham um saco, alguns alunos acham um saco ter que fazer esse trabalho semestral, muito trabalhosos. Enfim, o nome dele é trabalho. Aquela coisa de aluno não é? Mas sempre no final é a parte mais gratificante nesse trabalho semestral de propor um manejo de uma área, porque é onde eles de fato aprendem, é a oportunidade deles relacionarem tudo o que a gente está discutindo na sala de aula e aplica lá no local que eles mesmo escolheram. Tudo bem que é obrigatório, é uma escolha obrigatória, a escolha em vez de ser um shopping, é um lugar dentro do gosto da sensibilidade deles. Agora as aulas, a dinâmica expositiva eu tento mesclar ora com esse trabalho semestral,

ora com uma tarefa aqui, é isso que eu tento, não é mudar. Eu tento exercitar, trago um artigo de jornal que discute, sei lá, saiu um artigo que discute mudanças climáticas e turismo, quanto que as mudanças climáticas estão atrapalhando a prática do turismo, tem um trabalho, um trabalho não, um exercício, tem coisa que vale pra nota, e tem coisa que é pra discutir uma ideia, não vale pra nota, e eu percebo que é bem interessante, e eu tenho tido uma boa receptividade nesses momentos de discussão, reflexão, fugindo um pouco daquela aula tradicional, porque eu confesso pra você que eu dou essa disciplina desde de 2006, mas eu trabalho essas questões no SENAC desde de 94, lógico que as coisas mudaram, avançaram, mas tem aula que eu não preparo mais, não vejo isso, aquilo, eu já tô brincando, tô careca de saber, não preciso preparar a aula, dou uma olhada na transparência e vejo, isso aqui preciso melhorar, atualizar, uma coisinha, mas a sequencia de transparência são aquelas, às vezes nem olho pra elas, às vezes nem passo, tá lá. Ontem mesmo eu dei uma aula que eu esqueci de abrir, tava lá o PowerPoint, ai fazia meia hora que a gente tava conversando, essa coisa de jogar ideia, quando eu percebo que boa parte deles leram o texto, porque tem aula que não flui tanto, porque o aluno não teve oportunidade de ler, mas quando os caras conseguem ler, você percebe, você joga, uma questão vem, aí você vai. Ontem eu dei uma aula que aconteceu isso, tava meia hora, aí alguém falou: mas você não ia apresentar o PowerPoint, ai abri; a primeira, já falamos disso; segunda, esse aqui a gente já falou, e aí foi só um check-list, um repasse. É isso. Mas qual que era mesmo a pergunta?

**Não. Era isso mesmo professor, discutir as mudanças, formações, o senhor até falou de varias mídias que usou dentro da sala de aula, mas se quiser falar mais.**

R- Eu acho que é isso, discutir a questão ambiental, ela sempre tá na mídia de alguma maneira, é bem fácil trazer um artigo de jornal, hiperatual de um determinado assunto, daí joga lá pra. Uma vez, até virou um trabalhinho: uma onça foi atropelada na Anhanguera, aí tem a foto da onça, sorte que não morreu, deve ter quebrado as costelas, sei lá. Aí a manchete do jornal, a chamada da matéria era: “Onça para a Anhanguera por x horas e causou congestionamento de sei lá de quantos kilometros”. Quer dizer o foco é a circulação do transito. Por que esse bicho foi atropelado é algo que a gente discute em sala.

**Você acaba utilizando a noticia pra discutir. Essa coisa do Meio Ambiente é, por exemplo, o aquecimento global, uma coisa bastante polêmica, eu mesmo tinha uma opinião, até mesmo por certa inocência, mas fui vendo várias opiniões dos professores, e aí vem discutindo isso há muito tempo.**

R- O material é farto e eu costumo falar pros alunos, o grande desafio da disciplina é gravitar entre formação e informação. Informação você tem em todo lugar. Ligo o Jornal Nacional, o Willian Bonner fala uma informação pra eles: Ontem a cidade de São Paulo choveu 20 mm de chuva. Ai vai dizer é muito é pouco? Aí é informação, batuta no Google, aí ele te vomita um monte de informação. Ai eu costumo brincar com isso, qual que é o desafio?

**Hoje já até tem o verbo “googar”.**

R- “Googar”. Então, tudo hoje é informação, qual que é o problema? O desafio? É saber o que fazer com aquela informação. Porque é tanta informação que você acaba não sabendo o que fazer com aquilo ali. Então, a gente entra numa outra esfera, que é a esfera da formação, que é saber organizar, concatenar as ideias postas ali. Aí eu brinco com eles que o espaço da sala de aula é o espaço da formação, entender minimamente uma leitura, mas isso não impede deles irem no Google e trazer outros materiais relativos aquilo, e aí a gente vem pra aula pra um debate, que visa a construção em grupo da formação acerca deles. Empurrar a mão do desconhecimento mais pra longe acerca de determinados assuntos, e abro aí sustentabilidade. Tá bom, tem uma bibliografia básica, mas é só digitar turismo sustentável no Google que você vai ficar maluco, de um milhão de coisas que ele vai passar.

**7º Entrevistado - Professora Jaqueline Silva dos Santos**

**A primeira pergunta eu queria que a senhora falasse qual é sobre sua formação. E as instituições.**

R- Eu fiz Escola Agrícola, escola técnica federal. Trabalhei quatro anos e meio no núcleo de reflorestamento, mas eu trabalhava mais com a parte de reflorestamento de áreas nativas, e aí eu trabalhava com a produção de mudas, de espécies de mudas da mata atlântica. Depois, isso foi lá na, eu morei na Bahia, fiz o curso e depois trabalhei quatro anos e meio. Aí voltei pra São Paulo, eu queria fazer Engenharia Florestal, mas não dava mais, já tinha casado e tinha filho, e aí resolvi fazer o curso de Turismo, eu tenho minha graduação, eu sou bacharel em Turismo com ênfase em Planejamento Turístico, aí depois disso eu fiz a especialização em Planejamento, Gestão e Marketing Turístico. As instituições, você pediu?

**Sim.**

R- A escola técnica foi na Escola Média de Agropecuária Regional da CEPLAC.

**É interessante sua formação professora.**

R- É uma escola que é uma, ela é da CEPLAC, que é a comissão voltada pro cacau na Bahia, é do Ministério da Agricultura. Essa comissão, eles têm cinco escolas técnicas, é uma escola que é federal, mas está no Ministério da Agricultura, não na Educação. Depois a graduação eu fiz na Universidade Santo Amaro, a especialização na Católica de Brasília, eu estou fazendo o mestrado em educação na UNINOVE, com o tema também discutindo não a formação de professores, mas discutindo a formação que o curso de turismo tem proporcionado.

**E os motivos que levaram a escolha da sua profissão.**

R- Nunca pensei em ser docente. Quando eu terminei o ensino médio, lá na região tem uma carência muito grande de professores, é o extremo sul da Bahia, aí eu terminei o curso, e eu dei aula um semestre, no ensino fundamental 2, substituindo um professor, daí logo na sequencia eu entrei nessa empresa de reflorestamento, e aí trabalhei quatro anos e meio, só que ainda é uma área dos homens, não tem muita mulher. E eu no nível médio, eu era a única mulher da empresa, entre médio e superior, e aí dentro da minha formação eu cheguei no máximo que eu podia chegar, eu precisaria de um curso superior pra poder subir mais na empresa. Aí eu entrei na crise dos 30, tava com 27 anos e pensei: eu tenho uma formação muito específica, como eu tô muito afastada, eu não dei sequencia nos estudos, e daí com o tempo eu vou estar ultrapassada com relação a formação. E aí resolvi voltar pra São Paulo, porque eu sou daqui, pra fazer o ensino superior. E aí eu comecei a pensar. E comecei a dar uma pensada, e achei que o Turismo poderia ser interessante por essa interface ambiental. Isso foi na década de 90, depois da Rio 92. Eu entrei na faculdade em 97, então toda essa questão ambiental, e aí eu resolvi fazer o curso de turismo, mas ainda não pensava na docência. Aí durante o curso eu comecei a fazer o curso de turismo, mas ainda não pensava na docência, aí durante o curso, eu comecei a fazer estágio na faculdade. Fui monitora de disciplina, eu terminei gostando e fiquei trabalhando com planejamento turístico. Eu terminei em 2000, e em 2002 eu comecei no ensino superior.

**E sobre sua trajetória profissional, professora, quanto tempo de docência possui? E pensando nesse período, fala para mim as disciplinas e cursos lecionou?**

R- Tá. Ensino superior sempre com Turismo. Trabalhei em cursos de Gestão também, porque eu comecei o mestrado em 2005 em administração e aí eu lecionei dois semestres em cursos de Gestão. Tecnólogos que eles chamam de Gestão, nessa área, voltado para administração. Mas o meu foco sempre foi mais o turismo mesmo. Então, eu estou desde 2002 na docência no ensino superior, maior parte trabalhando com curso de Turismo. A minha disciplina sempre foi planejamento turístico, mas aí eu fiz estágio em operadora, durante a faculdade. Então quando não tem, falta professor, e eu tenho aderência, eu acabo pegando essa disciplina de agência, orientação de TCC, projeto, e essa parte mais ligada a estágio. Como eu tenho formação na área então a gente tem maior facilidade desse entendimento. Mas basicamente, é planejamento minha disciplina, planejamento turístico.

**Professora, agora a gente entra numa parte da pesquisa em que eu vou perguntar sobre meio-ambiente. Primeira pergunta que queria saber sua opinião, uma pergunta bastante genérica. O que é meio ambiente para senhora? No ponto de vista da senhora.**

R- Meio ambiente? Bom, o que eu trabalho com os alunos, que a gente tem uma visão, vamos dizer assim, de senso comum, de que meio ambiente se refere só aos recursos naturais. Mas o que eu trabalho com eles é que tudo o que está na crosta é parte desse meio ambiente. Então, os recursos naturais, o próprio homem, as alterações que o homem construiu nesse ambiente, tudo isso é parte do meio ambiente. Então, o estudo ele tem que envolver todos estes elementos, não só os recursos naturais. Então, se a gente trabalha em termos de estudo do meio ambiente há um envolvimento de todos os elementos que compõem o homem, as transformações, os recursos naturais, tudo isso.

**Professora. Sobre aspectos ambientais no turismo, quais temas você costuma abordar em suas aulas?**

R- Planejamento a gente vai trabalhar muito com toda essa questão ambiental. Porque quando você pensa o planejamento, a gente trabalha muito com foco na questão do turismo, ele é um sistema que envolve diversos elementos, e a gente trabalha estas questões de impactos positivos, negativos, impactos induzidos, no geral. Então pensando, não só nos recursos naturais, na cidade e atrativos, mas no histórico, no cultural, a questão da estrutura, da superestrutura, a comunidade, os aspectos sociais, todos estes aspectos, nessa interação entre todos esse elementos que vão compor este ambiente. É pensar o turismo de uma forma sistêmica, onde eu tenho diversos elementos para interagir. Então, a gente trabalha as questões

ambientais focadas no planejamento, de levantar a situação atual, projetar, prever o futuro, prever ações a partir destes dois, do presente e do futuro, para evitar o negativo, ampliar o positivo induzir aqueles impactos positivos que se deseja, ou minimizar esses aspectos negativos.

**A senhora já até falou um pouquinho. Mas fale mais sobre a abordagem que esses temas são trabalhados? Que abordagem a senhora utiliza?**

Abordagem teórica?

**Isso, entrando mais nesse ponto.**

R- Então em turismo a gente usa bastante como abordagem teórica a teoria geral dos sistemas. A gente coloca para os alunos diversos modelos, mas a gente trabalha bastante com o modelo desenvolvido pelo Mário Beni, o do SISTUR, que tem uma abordagem de pensar o turismo de uma forma mais holística, a partir de um todo e da interação destas partes com o todo. É mais nesta linha que a gente vem desenvolvendo o trabalho nesta disciplina.

**Até a senhora citou o Beni, então eu pergunto: a senhora utiliza algum outro autor específico além dele, mais alguns como base teórica?**

R- Sim. A gente trabalha bastante com o Beni. A gente utiliza também o Petrocchi, mas o Petrocchi ele já dá um foco mais para questão de competitividade dos destinos, de trabalhar uma questão mais mercadológica mesmo. Eu gosto muito do Beni porque tem uma abordagem focada mais nessas interações. Então, nessa fase inicial do estudo eu gosto de trabalhar com ele. Nas fases de você propor ações, pensar essa parte mais do mercado, eu uso o Petrocchi. Ruschmann que a gente usa nessa parte mais conceitual.

**É um livro verde**

R- É ele. Tem um outro livro de planejamento que ele trabalha alguma coisa mais voltada para operacionalização, que é da Maria Ângela Ambrizi Bissoli, que é da PUC, não é da Unicamp. Unicamp? Ou é da PUC de Campinas? Acho que é da PUC de Campinas.

**Eu vou procurar.**

R- É um livro didático, porque ele vem com um DVD, têm vídeos, ele tem uns instrumentos de pesquisa. Então ele é muito bom para aula. Algumas coisas assim da parte teórica, eu não gosto muito, mas ele é um material que é muito didático então eu utilizo em aula. Tem um outro também que é bom, que é da Débora Cordeiro Braga, que é mais recente.

**Sabe o nome?**

R- Do livro? Eu não lembro. É planejamento, sempre com planejamento. Tá, mas é da Débora Cordeiro Braga, é da USP também, muito bom o livro dela também. Tanto conceitual como a parte de planejamento mesmo. Porque os livros, ele falam muito o que é, mas eles não mostram como fazer, e este livro da Débora e da Maria Ângela, eles têm essa parte de praxis mais trabalhado.

**Bacana Professora, boa dica. E os recursos metodológicos que a senhora utiliza em suas aulas?**

R- Eu uso muito o quadro. Eu trabalho com recurso audiovisual, mas é muito direcionado. Porque o data show você reduz a luz, a gente trabalha com aluno, por exemplo, o aluno que estuda de manhã muitas vezes ele trabalha a noite inteira e vêm pra aula; o aluno da noite, muitas vezes, ele trabalha o dia inteiro e vem pra aula. Então ele sempre está cansado, dorme pouco.

**Acaba dando uma dispersada.**

R- Não é dando uma dispersada, ele cria um ambiente em que o aluno já tá cansado, ele termina vindo à tona, porque você diminui a luz. Normamente na minha aula eu tenho momentos que falo e que eles falam, momentos só que eu falo, ou momentos só que eles falam, então já fica aquele silêncio que só o professor fala, e traz todo aquele cansaço, e vem à tona. Então, eu uso o data show quando eu vou passar vídeo, quando eu vou mostrar alguma coisa, alguma imagem, sabe? E a minha aula como é Planejamento Turístico, eu divido a aula em parte teórica, e outra parte em prática. Então, a gente vai falar de pesquisa de campo. Então, os instrumentos de pesquisa, a gente trabalha essa parte conceitual, e depois a gente começa a elaborar material, porque eu vou pra campo com eles, a disciplina a gente vê a base teórica, ela é base pra preparar pra quê? Pra ida a campo.

**E é justamente a minha próxima pergunta. Como você trabalha o ensino de meio ambiente do ponto de vista prático?**

R- Então, a gente prepara, por exemplo, planejamento. A gente trabalha a disciplina, a turma é uma consultoria que vai trabalhar um local. A gente escolhe um bairro, e a turma se divide em grupo, cada grupo tem uma responsabilidade em todas as etapas. Então, eu trabalho a pesquisa bibliográfica, cada grupo fica responsável por uma parte; aí toda a preparação pra campo, cada grupo fica responsável por uma parte, trabalhamos tudo, e isso

sempre a teoria dando a base para a prática, tá tudo pronto a gente vai pra campo. E aí em campo todo mundo faz tudo, daí a gente vai fazer a pesquisa de demanda e oferta, cada aluno leva formulário para fazer a oferta de hospedagem, A&B, a parte cultural, eles vão com tudo. Eles levam também questionários para entrevistar visitar visitantes e moradores, e todo mundo faz a pesquisa e eu vou junto, a gente já tem mapeado o que vai fazer, já definido. Feito a pesquisa a gente volta, aí cada um vai tabular o seus questionários de opinião publica, de demanda pra aprender. Eles já viram a disciplina no começo, mas eles não conseguem conectar muito, e aí quando chega nessa etapa, eles vão resgatar o que eles aprenderam teorometria, estatística aplicada ao turismo, já com esse material, e aí o grupo que tá responsável por esse tema recebe esse material de volta, e aí ele fica responsável por elaborar o relatório. Quem ficou com hospedagem recebe o que todo mundo fez pra elaborar. Esse com a opinião pública recebe já a tabulação pra juntar tudo, fazer o relatório único, e aí a gente faz tabulação, faz análise dos dados, e faz o relatório. Então, eles tão aprendendo a colocar em prática o que eles viram em varias disciplinas, inclusive o que tão vendo no Planejamento. Aí feito isso, a gente elabora o relatório do primeiro inventário, e a partir desse inventário, a sala inteira ainda dividida em grupos, porque a gente tem uma questão da avaliação, de notas, vai trabalhar com aquele inventário na integra. Então, eles trabalham com o município. Cada grupo passa a ser uma consultoria que vai trabalhar com aquele volume de informações, fazendo diagnóstico, projeções, definições ações a serem encontradas. Então, eu procuro fazer essa interface com as outras disciplinas, que você vai trabalhar com tudo, e ao mesmo a teoria sempre dando a base pra o que eles vão desenvolver na prática, e aí os alunos gostam bastante, se envolvem. E normamente, o que acontece, quando a gente vai pra campo a pesquisa ainda tá meio morna. Quando eles vão, eles vão fazer a pesquisa, eu acompanho, fico circulando, auxilio; mas eles abordam, eles voltam com outro pique, com outra imagem.

### **Colocar a mão na massa. Bom.**

R- E aí algumas orientações que a gente faz, eles falam: nossa você é muito chata. E aí até a roupa que a gente vai usar eu falo, mas quando chega em campo, se o aluno fez, eu não fico aí: você não veio, volta, só que aí o que eles sentem? A dificuldade, porque ele não consegue aquilo que eu coloquei, que a gente já sabe que pode ser uma barreira, eles sentem de fato. E aí eles falam: a professora tem razão. E aí tem que voltar de novo, porque não conseguiu fazer.

**Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo?**

A visão que ele tem?

**Não pra formação dele.**

R- Olha essa questão de meio ambiente, ela entrou muito no senso comum, você fala a gente tem cuidar, isso e aquilo, só que a gente tem essa informação, e a gente não consegue pegar essa informação e colocar em coisas do nosso dia a dia. Porque alguns anos atrás quando entrei, que foi em 97, isso era uma coisa que estavam começando a se discutir, que hoje todo mundo tem essa informação, mas a gente não mudou muito essa questão de hábito, de posturas, ainda não. Até porque a gente não tem políticas públicas que efetivamente modifiquem o dia a dia. Esses dias a gente tava discutindo a questão das sacolas, de tirar não tirar. Os supermercados às vezes vão ganhar a mais, que deixou de ter um custo, então isso é uma política que veio pro nosso dia a dia efetivamente, são milhões de sacolinhas que são retiradas. No curso de Turismo essas disciplinas são essenciais, por quê? Porque o turismo utiliza esses recursos naturais e culturais como matéria-prima, ele precisa delas pra poder se manter. Então, se você não tem um turismo desenvolvido com essa preocupação, a atividade tá acabando com a própria atividade, porque daqui alguns anos você já não tem mais esses recursos, você também não tem o turismo. Então, essas disciplinas são extremamente importantes pra colocar isso pro aluno. E no planejamento, a questão da responsabilidade, toda ação tem uma reação, e a gente precisa pensar que reação será essa. Mas que ocorrerá, então, acho que são disciplinas que são essenciais pra formação.

**Essa primeira pergunta, mais voltada pro aluno, a segunda também é sobre o curso de turismo. Qual a contribuição do ensino de meio ambiente para o curso de turismo.**

R- É essencial. Porque até o que eu já coloquei. Eu sempre falo não existe impacto zero, toda atividade ela vai impactar de alguma forma, então no turismo, isso tem que ser uma questão que um profissional tem que ter essa consciência, e ele tem que ter essa atividade nesse viés, e essas disciplinas é que vão dar essa formação pros alunos. Então, são disciplinas que são essências. É, acho que transversalmente ele perpassa por todas as disciplinas, então, ele tem que estar presente. Porque em Direito você vai abordar, na

Hotelaria, na Agência, em Planejamento, na parte de alimentos e bebidas, em tudo você tem que ter esse tema sendo trabalhado.

**É verdade, observando até pelo exemplo do Direito, até bem interessante, por exemplo, você vai ter que estudar alguma legislação que vai ter e que envolve meio ambiente e turismo.**

R- E quando você está fazendo planejamento, você olha que cada local tem uma característica. Vamos pensar que tem cada local que tem mais recursos naturais, vegetais; outro local que não é tanto a vegetação, mas ele tem a paisagem, a geologia, outros que é a questão cultural, mas tudo isso você tem que trabalhar pensando nessa questão de manutenção, seja natural, seja histórico, cultural, social, então, você vai abordar sempre.

**A última pergunta é houve algumas mudanças nas suas concepções ao longo de sua carreira, e você mudou o jeito de observar.**

R- Vou te falar que eu tive uma experiência, a gente se acha muito informado, a gente se acha: ah, eu procuro aplicar meu conhecimento no dia a dia, e tudo isso. Aí eu tive uma experiência que eu fui pra Cabo Verde. Cabo Verde são dez ilhas, e uma não é habitada, e nove são. Eu fui pra uma ilha que não tem água potável, nenhuma, não tem água, nem no subsolo. Daí eles pegam água do mar, dessalinizam, e utilizam a água, e água é caríssima, é muito cara a água. Assim, a população pobre não tem encanamento de água, eles compram o balde de água pra cozinhar, para o essencial pra beber, e eles não tem condições de comprar mais que isso, e nos bairros pobres não existe encanamento de água, porque a população não tem condições de pagar pela água. E aí eu fui rever muito os meus conceitos, a partir disso. Eu me achava muito informada, e eu vi que apesar de muita informação, no meu dia a dia, nada se aplicava. Meus conhecimentos. E foi preciso estar nesta situação de sentir essa experiência. Porque as pessoas não têm água, não têm banheiro, eles usam a água do mar pra praticamente tudo, lavar roupa.

**Faz quanto tempo professora?**

Eu fui em 2007.

**Recente, faz cinco anos, já era professora.**

R- Sim, já trabalhava essa disciplina. E ai eu fui mudar em casa. Então, o que eu acho é assim, só a informação, daí que eu dou a importância pra trabalhar essa prática com os

alunos, porque às vezes você tem essa informação, você tem esse conhecimento, e isso não impacta no dia a dia. E aí é importante que a gente tenha a oportunidade de vivenciar as coisas, mesmo pra poder mudar.

**Certo, a senhora fala principalmente da prática.**

R- Sim. Porque você, eu já sabia que um percentual da população não tem água doce, a água, a gente saca que no Nordeste falta água; mas você não vivenciou aquilo. E isso é uma coisa tão longe, tão distante. E isso é uma coisa que mudou minha visão, e até a forma de trabalhar em sala de aula.

**E é uma experiência interessante. A senhora já tem uma experiência na Bahia, digamos os dilemas, que lá é diferente de São Paulo, que tem seus problemas, suas peculiaridades, e ainda uma experiência na África.**

R- E uma coisa que eu vejo assim, não adianta a gente trabalhar toda essa questão ambiental, sem que as pessoas tenham o mínimo de condição de sobrevivência, porque não tem nenhum ser humano, ele não vai ter como foco essa questão ambiental, se ele não tem o essencial pra ele. Porque a primeira necessidade nossa é a sobrevivência, o que a gente vai querer suprir, e a gente não consegue se preocupar com outros aspectos se isso não tá garantido, então isso é uma questão que eu mudei bastante minha visão em relação a isso. Eu acho que é isso de concepção, da importância, de se discutir, de trabalhar, impactar esse conhecimento no dia a dia.

**8º Entrevistado - Professor Reinaldo Miranda de Sá Telles**

**A primeira pergunta é bem ampla. Qual a sua formação? Falar sobre sua formação.**

R- Eu sou Geógrafo, me formei aqui na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e na minha graduação sempre tive interesse pelo turismo. Então, eu vim fazer mestrado aqui na ECA, na área de Turismo, Turismo e Lazer, tive como orientadora a professora Olga Tulik, que é geógrafa, e que fez toda a sua carreira no Turismo. Fiz doutorado também aqui na ECA, com a professora Olga Tulik, então, minha formação de pós-graduação, toda ela foi na área de Turismo. E sou licenciado também em Geografia.

**E quais que foram os motivos da escolha da sua profissão.**

R- A escolha foi que eu achava interessante mesmo, gostei de Turismo. Só que na época que eu fui estudar na graduação não tinha curso de Turismo, eram muito poucos. Eu, para te falar a verdade, nem conhecia quais eram os cursos de Turismo superior, não é? Tinha na USP, tinha na Anhembi, mas era uma coisa muito pouco falada. Na própria Geografia eu já tinha interesse por essa área, só que na geografia não existia espaço para eu estudar Turismo na época, até porque os professores não reconheciam a área. E eu tentei inclusive ingressar no mestrado na geografia, não consegui, e aí decidi pela ECA. Mas a minha escolha sempre foi muito consciente dessa área, minha ida para o Turismo, não foi um mero acaso, foi uma coisa planejada.

**Bem pensado anteriormente?**

R- Bem anteriormente.

**Professor sobre sua trajetória profissional, quanto tempo de docência possui, e nesse período o senhor fala para mim quais as instituições disciplinas e cursos que lecionou?**

R- Olha, docência eu já tenho muito tempo. Acho que já vai para mais de 22 anos. Eu comecei minha carreira docente como professor do 1º, 2º grau. Então dei aula no 1º grau, 2º grau muito tempo. Optei por trabalhar na escola pública, foi uma opção que eu fiz quando me formei aqui na USP. Só que a estrutura e toda dificuldade que a gente enfrenta no setor público não permitiu que eu permanecesse no setor público todo o tempo. Então, eu dividi escola pública com iniciativa privada. Então, para você ter uma ideia eu dava aula na prefeitura de Utinga, que era em uma favela, e dava aula no Dante Alighieri à tarde. Eu passei por grandes escolas de São Paulo, pelo Pueri Domus, pelo Rio Branco, pelo Dante Alighieri.

**Escolas particulares.**

Escolas particulares. E para mim, eu achava até interessante essa condição dual da realidade na cidade. Isso perdurou aí por uns 15 anos, mais ou menos. Foi quando eu ingressei no mestrado e encontrei a possibilidade de trabalhar aqui na ECA. Eu me efetivei na ECA em 2002. Então, tem 10 anos, vai para 11 anos que eu estou como professor efetivo aqui na ECA. Mas antes da ECA a primeira instituição de ensino superior foi a PUC-Minas em Poços de Caldas, onde eu fui professor e exercia a função de vice-coordenador do curso em 1999. Passei pela faculdade de Espírito Santo do Pinhal, retornei ao CEFET, onde fui professor de 2º grau lá também. Retornei ao CEFET, acho que em 2000, 2001. Em 2002 eu vim para cá,

saí do CEFET e vim para cá na USP e, concomitantemente, eu apoiei a Cásper Líbero, eu ajudei na construção do curso, a elaboração do curso. Eu e minha orientadora, professora Olga Tulik. Ela era a coordenadora e eu era o vice. O curso da Cásper Líbero durou, nós formamos quatro turmas, não é? Eu considero que foi um bom curso, ganhamos muitos prêmios inclusive. Mas a instituição optou por não manter o curso, pois entendia que o curso não fazia parte de comunicação, e a faculdade Cásper Líbero, tradicionalmente é uma faculdade de comunicação. Então, o diretor que implantou o curso em 2000, ele acreditava muito nessa possibilidade de integrar o curso de turismo ao núcleo comunicação. Logo depois ele saiu, entrou uma nova direção que não concordava com a ideia e extinguiu o curso. Então, somando o tempo de ensino superior, comecei em 99, também já faz ai uns 15 anos.

**Professor, agora vou entrar nas questões sobre o tema do trabalho em si. Em sua opinião o que é meio ambiente?**

R- Ah, meio ambiente é tudo. Eu acho até difícil a gente segmentar esse meio ambiente da forma que nós segmentamos na universidade ou em qualquer outro setor, nas empresas. Meio ambiente é tudo, é o espaço onde você vive, onde a sociedade está organizada. É o todo. É o espaço que é entendido como um todo, como totalidade. Então, para mim é até muito difícil segmentar da forma como nós segmentamos. Eu até entendo essa segmentação para trabalhar, em algumas situações, mas não costumo estabelecer limites, ou pelo menos fronteiras quando eu trabalho com o tema meio ambiente.

**E aí entrando nesse ponto quais aspectos ambientais no turismo que o senhor costuma abordar em suas aulas?**

R- Então, eu costumo dizer que eu começo as minhas aulas, trabalhando mais uma questão semântica, justamente esta questão do “o que é meio ambiente”. Então, a minha discussão, vai muito de um campo teórico. Por que a gente estuda meio ambiente, qual a importância, e já vou dizendo para eles que não precisam esperar grandes respostas. É apenas a abertura de um tema, que é muito amplo, e que eles vão levar, vão fazer reflexões acerca do meio ambiente a vida toda deles, tanto na vida acadêmica, como na vida pessoal. Então, eu inclusive costumo trabalhar alguns textos. O Diegues, por exemplo, é um texto que eu utilizo no curso, “O mito da natureza intocada”, justamente para eles entenderem a complexidade do que significa trabalhar com meio ambiente.

**Uma questão mais ampla.**

R- Mais ampla, e que envolve discussões do campo filosófico e não é uma, quando você trabalha com meio ambiente, como a gente percebe em alguns textos, ou em algumas ações, as pessoas concretizam muito, materializam muito essa questão ambiental. A floresta, o rio. Então, eu acho que a gente precisa de um entendimento muito filosófico a respeito do planeta, a respeito do universo, e mudando de escala, para buscar um entendimento sobre meio ambiente e entender o seu papel no mundo.

**Professor, até pegando para minha próxima pergunta essa sua fala, então, quer dizer que a sua abordagem, a minha pergunta é sobre isso, com qual abordagem o senhor trabalha esses temas, a sua abordagem vai por esse lado da filosofia, ou por outros lados também?**

R- Eu traço uma linha, meu percurso é o seguinte, eu começo trabalhando essa questão mais filosófica mesmo, como que eu entendo a natureza: o que é a natureza? Eu sou natureza enquanto homem, então, eu começo essa discussão mais teórica para o aluno entender qual o nosso papel nesse percurso todo, e que tudo é meio ambiente. Mas tenho também a preocupação de direcionar a discussão do meio ambiente para a prática profissional do aluno que vem em busca do curso de turismo. Por quê? Porque eu entendo que a relação que o aluno vai encontrar na sua prática profissional ela é muito próxima com todo esse processo que a gente vive no mundo. O aluno no curso de turismo, o que ele vai estudar? Vai estudar mercado turístico, ele vai estudar segmentação turística, ele vai trabalhar com planejamento turístico. Então, eu vou afunilando, passando por algumas discussões ligadas à, inclusive, a empreendimentos, inclusive, à questão de impactos ambientais, metodologias de impactos ambientais, de manejo de visitantes. Então, produtos ecoturísticos, empresas ecoturísticas. Então a gente vai tentando revelar dentro de uma discussão maior de meio ambiente onde é que o profissional do turismo pode atuar, especificamente, e de maneira concreta também. Porque o aluno precisa enxergar isso. Então quando ele fala em capacidade de carga, “O que é capacidade de carga?”. Alguns alunos chegam com essa ideia, achando que eles vão resolver o mundo com a capacidade de carga. E eu mostro para eles que não, capacidade de carga é uma técnica que você utiliza num conjunto de ações, em um planejamento. Quando você trabalha em uma empresa de ecoturismo, quando você vai trabalhar em uma operadora turística, uma operadora de turismo e vai trabalhar com empresas ecoturísticas, qual é a concepção de um projeto para uma agência ecoturística? Ou para uma operadora ecoturística? Então a gente trabalha um pouco essa questão de como se dá essa

comunicação do mercado empresarial com o consumidor, e também nas ações de planejamento, quais as ações necessárias que eu preciso pensar para uma ação mais concreta de um planejamento ecoturístico, de um destino ecoturístico.

**O senhor já falou, mas pode falar mais alguns autores específicos que você utiliza em suas aulas como base teórica?**

R- Vou falar primeiro dos amigos. O Sidnei Raimundo é um dos autores que eu utilizo, tem trabalhando muito com essas preocupações, Unidades de Conservação e ação participativa, então ele é um autor na minha disciplina. A Patrícia, esqueci o sobrenome dela, ela trabalha com planejamento turístico, acho que é Correa, eu gosto da obra dela. Quem mais, o Diegues já falei, de cabeça, meu Deus do céu.

**Tudo bem, até posso olhar no programa.**

Claro, são vários. Lindberg eu trabalho.

**Quais recursos metodológicos o senhor costuma utilizar em suas aulas?**

R- Então, a gente tem na primeira parte da disciplina, que é uma parte mais teórica mesmo. Eu preparo todo meu material em PowerPoint, e a obrigação deles é ler o texto, a obrigação deles é um pouco mais difícil de ser cobrado, eu acredito que eles precisam de um conhecimento teórico, para uma disciplina.

**Como base?**

R- Sim, como base. E tem outras disciplinas práticas, como por exemplo, eu trabalho com uns painéis, eu trabalho com manejo de visitantes, eu divido a classe em grupos, cada um trabalha com uma metodologia, e aí eles vão descobrir umas especificidades dessa metodologia, e eles apresentam pra outro grupo, e cada um começa a descobrir as especificidades do outro grupo. E eu acho isso uma coisa interessante, e é bom a conclusão a que eles chegam. Porque manejo de visitantes é uma técnica que você utiliza como recurso interessante de planejamento. Então, esse é um dos métodos. Tem um outro método que eles fazem mais, a gente faz uma visita técnica todo semestre pro Vale do Ribeira, então a gente faz um plano de manejo, e a gente vai a campo até pra estudar desde o comportamento do visitante até a instrutora encontrada no Parque. Visitamos as cavernas, fazemos um tipo de exercício pra verificar se há algum tipo de impacto e finalmente eles fazem um relatório, final. Essa é uma das visitas. Uma outra visita que a gente faz aqui em São Paulo é numa

comunidade em Parelheiros, a gente faz uma visita numa comunidade indígena, e também alguns outros atrativos. Inclusive tem uma cultura afro-brasileira que existe lá, que é num centro espírita mesmo, eles têm lá uma parte que é um projeto da cultura afro-brasileira, e eles trabalham com uma ONG, e a gente faz uma visita, tipo, como é que eles organizaram aquele espaço para a visitação. Então, a cultura afro-brasileira, e o que isso tem haver com meio ambiente? Então, acho que isso que é interessante. Porque tem tudo haver com meio ambiente. Então, a gente vê a cultura indígena, vê também as propriedades rurais. A última turma a gente viu as propriedades rurais de Parelheiros. E aí a gente discuti a possibilidade de criação de algum roteiro, porque esses lugares enquanto unidade eles têm um pouco de dificuldade de projetar. Então, a gente discute a possibilidade de roteiro. Por que eu faço isso? Porque eu escolho desde uma Unidade de Conservação até alguns locais que não tem nada que ver com Unidade de Conservação, e que não necessariamente ele vai ver floresta ou vai ver rio. Então quando ele chega no centro de cultura afro-brasileira, ele vê lá um grupo que trabalha com a comunidade local, que trabalha em tempo integral pra capacitar a comunidade, para o trabalho mesmo, e também aquele grupo faz um trabalho de resgate de cultura, que tá ligado a questão ambiental. Então, essas visitas elas acabam tendo como objetivo mostrar que pra você trabalhar com a questão ambiental, ela é tão complexa, tão plural que é, você tem que filtrar, exercitar o seu olhar pra o que pode vir a ser um negocio turístico, um atrativo turístico, e de maneira que possa fortalecer a identidade, ou resgate de outras culturas. Isso acaba sendo um método que eu uso, não sei se eu posso chamar de método, mas é uma pratica pedagógica, e que por objetivo é desenvolver alguns métodos de avaliação pra que ele entenda aonde é que ele pode atuar enquanto profissional de turismo.

**A importância pra prática, a minha próxima pergunta era como você trabalha do ponto de vista prático? São essas visitas?**

R- São essas visitas, exatamente.

**Ok professor. Qual a importância da disciplina que envolve o meio ambiente para o discente do ensino superior de turismo? Para o aluno.**

R- Eu acho que ele tem uma oportunidade de fazer reflexão acerca até do seu papel enquanto cidadão. Eu acho que ele acaba sendo privilegiado quando ele tem esse tipo de disciplina, não que as outras não sejam importantes, mas é um momento que a gente faz um exercício de reflexão, como eu te falei anteriormente, a gente canaliza pra prática profissional. Mas antes de canalizar pra prática profissional, ele se enxerga enquanto cidadão, enquanto um

indivíduo no conjunto, e qual a importância enquanto indivíduo, e qual a importância dele de pensar o conjunto, eu acho que está aí a importância.

**E como que o senhor observa a discussão sobre meio ambiente para o curso de turismo?**

R- Eu acho fundamental. O turismo atua, tem como sua base o espaço, as transformações dos locais. Transformação, não sei se diria exatamente essa palavra, mas você tem uma interação muito intensa, nos locais onde acontece o turismo. Então, o turismo ele passou por um período, o turismo é uma atividade muito recente, mas passou por um período muito obscuro. E a gente sofre o reflexo desse entendimento muito obscuro quando você olha pros empreendimentos. Então, você vê empreendimentos que em nada contribuem para o desenvolvimento local, desenvolvimento regional, eu acho que enquanto a gente pensar assim não adianta o Ministério dizer que o turismo é uma atividade que vai promover desenvolvimento e eliminar miséria, etc, etc, etc. Sobretudo em um país desenvolvido como o nosso. Então, assim, a importância é do aluno entender quer ele esteja trabalhando numa área de floresta, quer ele esteja trabalhando numa área de cidade, pensar a importância dessa atividade enquanto uma atividade que possa desenvolver a sociedade, desenvolver a economia, fortalecer as atividades produtivas, respeitar os trabalhos. Então, isso eu vejo fundamental. Então, eu vejo que a importância dessa disciplina está aí. É de você entender o quanto forte é atividade turística, o quanto ela impacta uma localidade, se a gente não tem o entendimento do que é o turismo de fato, a gente vai correr o risco de reproduzir um modelo que a gente já tem assistido, e que a gente já sabe que não dá muito certo. Eu não estou negando o turismo como grande empreendimento, de maneira nenhuma, eu acho que eles existem, e que devem existir, porque eles crescem a cada dia no mundo; mas eu acho que ele deve ser entendido no contexto da lógica da sociedade, ou das necessidades das sociedades. Na verdade nem sempre é assim, na verdade o capitalismo ele engole essa atividade como qualquer outra atividade. E ela na maioria das vezes é geradora de pobreza, ao invés de geradora de renda. Isso é complicador.

**Professor, minha última pergunta é se você observa alguma mudança em suas concepções ou didática ao longo de sua carreira?**

R- Minhas? Pessoais?

**Sim.**

R- Eu acho que assim, o mundo tem produzido bastante, do ponto de vista da ciência, e eu procuro acompanhar essas mudanças, então é assim, tudo que eu acho interessante, que é bacana à luz daquele conhecimento que o mundo tá construindo, eu acho que é legal, acho que tem de trazer pro meu aluno o que é novo, aquela novidade. E qual é a preocupação que eu tenho? A preocupação que eu tenho é que estando numa universidade é que tudo que esta sendo produzido, está sendo produzido à luz da ciência. Isso eu acho que é importante, saber filtrar, eu acho que eu tenho essa responsabilidade. Pra não correr o risco de entrar numa sala de aula com modelos pré-concebidos, às vezes, de alguma coisa que tá dando certo no mercado, e que nem sempre é interessante pra aquilo, pra sociedade de uma maneira geral.

### **Certos modismos?**

R- Modismos. Eu acho que nós devemos tomar muito cuidado, porque é uma área nova, porque é uma área ainda pouco segmentada do ponto de vista teórico e metodológico. Eu acho que a gente tem que tomar um pouco de cuidado, e como professor eu sou muito criterioso com relação a isso, eu acho que a minha responsabilidade dentro de uma universidade é perceber o que se produz a luz da ciência, porque na universidade se faz ciência, e mesmo ainda não sendo uma ciência, não tendo corpo de ciência, mas tudo que a gente utiliza é científico de outras áreas pra fazer a atividade turística, é buscar esse novo, e tentar esquecer o modismo. Porque às vezes a universidade ela também embarca nessa onda dos modismos, em alguns momentos.

### **Isso acontece em muitas áreas, não?**

R- Em muitas áreas, exatamente, eu acho que como profissional da universidade a gente deve ter muita seriedade nesse campo.